



WWW.ALGARVEVIVO.PT

ALGARVEVIVO

ANO X • N.º 71 • JUN. / JUL. 2016 • 1€



LAGOA JAZZ

Virtuosismo no Sítio das Fontes



Sons do Atlântico *renovado*

Festival decorre em três locais diferentes.

TEATRO

**Boa Esperança
faz a diferença**

ALBUFEIRA

**David Andrade é
'ás' na matemática**

INCÊNDIOS

**Mais e melhor prevenção
em todo o Algarve**

AO ENTREGAR A SUA BATERIA USADA NUM DOS CENTROS DA REDE VALORCAR O RESULTADO É SEMPRE POSITIVO



+ FÁCIL

+ SEGURO

GRATUITO

- Menos efeitos nocivos no Ambiente.
- Menos poluição e riscos para o Ambiente (contaminação por ácido e metais tóxicos).
- Menos desperdício de materiais reaproveitáveis (chumbo, plásticos, etc.).
- + Mais utilização de material reciclado na produção de novas baterias.
- + Mais conservação de recursos naturais através de menor utilização de matérias-primas originais.
- + Mais futuro (mais material reciclado significa menor consumo de energia e menos emissões para a atmosfera).



www.valorcar.pt



Sociedade de Gestão de Veículos em Fim de Vida

Uma iniciativa:



8

BEM-ESTAR



Villa Prana alia alojamento e terapias holísticas

11

LAGOA

Jazz do melhor no Sítio das Fontes de Estômbar

15

PREVENÇÃO



Foto capa D.R.

Tudo a postos para combater incêndios estivais



18

REPORTAGEM

Conheça os bastidores da revista do Boa Esperança

24

ECONOMIA

Sabia que existe em Olhão a Árvore dos Sabonetes?

Cultura e educação

RUI PIRES SANTOS DIRECTOR



“O que faz a diferença na democracia é a Educação e a Cultura”. A frase foi proferida recentemente pelo Presidente da República, Marcelo Revelo de Sousa. Esta afirmação é praticamente unânime entre todos os portugueses, nomeadamente entre aqueles que têm responsabilidades e exercem ou exerceram funções governativas. Mas por que é que todos, quase sem exceção, pelo menos ao longo dos últimos 20 anos, só têm concretizado péssimas políticas e reformas na Educação e desinvestido na Cultura? Será que pretendem ter, de novo, um povo com menos educação e cultura, a fazer lembrar os ‘tempos antigos’, de forma que possam fazer as ‘trafulhices’ e trapalhadas que bem gostam, sem serem questionados?

No Algarve, ainda que pouco se possa fazer em termos de política de Educação, cujas matrizes fundamentais apenas podem ser definidas a nível central, na área da Cultura muito tem sido feito. É que, se do Estado só se tem visto desinvestimento, nas autarquias muitas medidas têm sido tomadas e o panorama regional hoje em dia é bem diferente, para melhor, do que há 10 ou 15 anos. Não é em todos os concelhos, pois alguns, na ânsia do imediatismo e do mediatismo, desataram a promover eventos e espetáculos sem estratégia, sem compreenderem que Cultura não são só festas e foguetes para o ar. São também políticas de desenvolvimento da prática de artes e criação de públicos. Na conjugação destes aspetos, Faro, Lagoa, Loulé e Lagos têm sido, no Algarve, os grandes polos culturais. É nestas cidades que se realizam os melhores espetáculos culturais e onde estão sediados grupos e artistas das mais variadas expressões de arte, como a música, a dança, a pintura, o teatro ou a literatura.

Ainda que não seja valorizada por muitos, nomeadamente por uma parte da população ainda ‘adormecida’, também ela focada no imediatismo e mediatismo – além do consumismo –, este trabalho na cultura, muitas vezes invisível, deve prosseguir, apesar de os resultados apenas serem visíveis a médio/longo prazo. Só assim será possível manter uma identidade, uma memória coletiva, os nossos costumes, e criar uma massa crítica numa população cada vez mais avessa a interpretar e a analisar, o que obriga a pensar, e apenas disponível para o voraz consumo de informação rápida e fácil.



DE 10 A 28 DE JUNHO

Portimão celebra Santos Populares

Entre 10 e 28 de junho, Portimão vai comemorar os Santos Populares, preparando-se para viver 18 dias de grande animação com o desfile das marchas, os arraiais e bailes na antiga Lota. As marchas voltam a sair à rua nas três freguesias e este ano regressam à Praia da Rocha (exterior da Fortaleza de Santa Catarina) para o tradicional desfile.

O primeiro evento terá lugar na zona ribeirinha a

10 de junho, enquanto no dia 17 os marchantes vão desfilarem no adro da Igreja da Mexilhoeira Grande, numa noite muito animada.

No dia 18, o desfile chegará à zona ribeirinha de Alvor, culminando esta grande festa popular com o desfile final no dia 24, na Praia da Rocha, mais precisamente no exterior da Fortaleza. Todos os desfiles começam às 22h00.



EM LAGOA

Mercado de Culturas em julho

A cidade de Lagoa recebe entre 7 e 10 de julho mais uma edição do Mercado de Culturas à Luz das Velas. O evento, que este ano terá como temática a cultura celta, vai realizar-se no Convento de S. José e nas ruas circundantes, contando com a iluminação de 12 mil velas. Aberto entre as 19h00 e a 1h00, terá muita música, animação, exposições, gastronomia e barraquinhas com diferentes produtos e artigos. A entrada é livre.



NATAÇÃO

AHETA quer suspensão das obras na EN 125

A Associação dos Hoteleiros do Algarve (AHETA) requereu formalmente ao Governo a "suspensão temporária e imediata das obras de requalificação da EN 125", com o argumento de que as mesmas estão a decorrer sem visto do Tribunal de Contas. Os hoteleiros frisam que o Algarve recebe anualmente mais de 5,5 milhões de turistas e apelam a que as obras na EN 125 se realizem "nos períodos de menor tráfego, entre os meses de novembro e março".



Observação de astros vinho

A Quinta Monte dos Salicos, em Carvoeiro, vai ser palco, a 1 de julho, de uma observação astronómica noturna e prova de vinhos a partir das 21h00. A organização é da Câmara Municipal de Lagoa, em parceria com o Centro de Ciência Viva, no âmbito das comemorações do Dia Nacional do Vinho.

Lisboa ganha ao Algarve em receitas

Lisboa suplantou em 2015, pela primeira vez, o Algarve em número de hóspedes e receitas de hotelaria. Em sentido contrário, a região algarvia continua a ser a campeã incontestado no número de dormidas. Para este ano, ambos os destinos partilham uma certeza: o setor do turismo vai crescer. Falta saber quanto. Os dados já conhecidos referentes aos meses iniciais confirmam a expectativa: o primeiro trimestre fechou com números superiores aos do período homólogo de 2015.

Al-Buhera entre 27 e 31 de julho

O Festival Al-Buhera está de regresso a Albufeira de 27 a 31 de julho. Durante cinco dias, a Praça dos Pescadores será transformada num animado certame, onde se podem adquirir peças artesanais a preços convidativos, assistir a diversas atuações musicais e provar alguns dos sabores da região.

Festival de dança em Lagoa

A associação cultural Ideias do Levante vai organizar a 16 de Julho a 3ª edição do LEVANTARTE – Festival de Dança de Lagoa, que decorrerá no Auditório Municipal daquela cidade, a partir das 21h30. Participam neste festival o Centro Artístico Burlesque, STARS Dance School, Zhar Louz, entre outros convidados surpresa, possibilitando ao público apreciar vários estilos como dança oriental, ballet, jazz, e 'street dance'.

FESTAS NO REI DAS PRAIAS ANIMAM FERRAGUDO

Música já aquece noites nos Caneiros

Festas começam em junho e prolongam-se até 2 de setembro.



A Praia dos Caneiros vai ser ponto de encontro nas noites de Verão



São 13 noites com as melhores festas temáticas, espetáculos pirotécnicos e algumas surpresas. É esta a receita para 2016 na Praia dos Caneiros, que promete mais um Verão animado e em grande, numa organização do restaurante Rei das Praias.

White Party, 'Flower Power Party' ou '80's Party' são apenas alguns dos exemplos das festas temáticas previstas para este ano e que vão arrastar muita gente ao areal dos Caneiros.

Em junho, destaque para a festa 'Blue Gin Party', no dia 17

(ver quadro). Em julho, que promete cinco noites escaldantes, é de destacar a 'White Party', a 'Flower Power Party' ou a 'Mojito Party', sempre do agrado dos notívagos. Já em agosto, a festa com música dos anos 80 e a 'Full Moon Party' prometem ser as que mais caras bonitas vão atrair. A última grande noite de Verão na Praia dos Caneiros está agendada para 2 de setembro, com a 'Closing Beach Party'.

Ponto de encontro já certo e habitual para muitos turistas, as noites na Praia dos Caneiros prometem juntar milhares de

pessoas num espaço que é referência incontornável no concelho de Lagoa em termos de animação noturna.

Novo terraço é atração

Inaugurado na Primavera deste ano, o novo terraço é a nova atração no Rei das Praias. Com uma apazível panorâmica sobre o areal e o mar, é o local ideal para um cocktail ao final da tarde, numa zona que estará também aberta à noite durante as festas.

Mais informação em www.reidasprais.com.

AS FESTAS

- 10 junho:** Portugal Party
- 17 junho:** Blue Gin Party
- 24 junho:** Aperol Sunset
- 1 julho:** White Party
- 8 julho:** Flower Power Party
- 15 Julho:** Mojito Party
- 22 julho:** Billecart Salmon Party
- 29 julho:** Hendrick's Party
- 5 agosto:** Stolichnaya Party
- 12 agosto:** 80's Party
- 18 agosto:** Full Moon Party
- 26 agosto:** Caipirinha Party
- 2 setembro:** Closing Beach Party

REDUZEM O RISCO DE DOENÇAS CARDIOVASCULARES

Como as **sardinhas** são nossas amigas

Talvez a espécie piscícola mais identificada com o Algarve, devido à sua importância na gastronomia regional, a sardinha é um peixe gordo que previne doenças cardiovasculares e não só.



Consumir sardinhas contribui para reduzir os problemas cardiovasculares

Muito apreciadas pelos algarvios, as sardinhas são saudáveis e nutritivas, ricas em proteína e ômega-3, sendo também uma importante fonte de cálcio. Selênio, fósforo e vitamina D são outros dos nutrientes que também se encontram neste peixe que, além de reduzir o risco de doenças cardiovasculares e de Alzheimer, também ajuda a combater a depressão.

Alguns estudos internacionais apontam uma relação entre o consumo de peixes gordos

como a sardinha e a diminuição da incidência de artrite em pessoas que sofrem especificamente desta patologia.

A sardinha, que se distingue ainda pelo seu teor de vitaminas do complexo B, é uma excelente fonte de ácido eicosapentaenóico e de ácido docosahexanóico, ambos da família dos ômega-3. Estas substâncias promovem o bom funcionamento do sistema imunológico, do sistema circulatório e dos sistemas hormonais.

Vários estudos clínicos e epidemiológicos demonstraram que o consumo de ômega-3 oriundo de peixes gordos exerce efeitos benéficos sobre a saúde cardiovascular, contribuindo para uma redução da mortalidade por doenças cardiovasculares, uma vez que reduzem a pressão sanguínea, tal como a presença de triglicéridos no sangue e a formação de coágulos sanguíneos, reduzindo assim o risco de aterosclerose.

Fonte de proteínas

Uma porção de 100 gramas de sardinhas fornece cerca de 1 grama de ômega-3. O conteúdo lipídico e de ômega-3 varia, contudo, consoante a época. A sardinha é mais rica em lípidos no Verão do que no Inverno, daí ser sobretudo consumida entre nós nos meses de maior calor e tradicionalmente associada aos festejos dos Santos Populares.

Além de ácidos gordos, este peixe representa uma importante fonte de proteínas completas, porque contém os nove aminoácidos essenciais de que o organismo necessita. Os resultados de um estudo internacional mostraram que o consumo desta proteína aumentou a fibrinólise, além de prolongar o tempo de coagulação do sangue. Estes dois efeitos complementares podem ser benéficos para os indivíduos em risco de trombose. O fósforo presente na sardinha também ajuda a manter ossos e dentes saudáveis.

A par de vitamina B3 e de selênio, que combate os radicais livres, a sardinha ainda é uma fonte de ferro a ter em conta, sobretudo para as mulheres, que têm uma necessidade específica diferente da do homem no que se refere a este mineral, necessário para o transporte de oxigénio e para a formação de células vermelhas do sangue.

Também desempenha um papel na produção de novas células, hormonas e neurotransmissores, mensageiros em impulsos nervosos.

MERCADO DE CULTURAS ...À LUZ DAS VELAS®

MARKET OF CULTURES...BY CANDLELIGHT



LAGOA, 7...10 julho **july** 2016

Convento de São José e ruas circundantes

TEMÁTICA **THEME**: Cultura Celta **Celtic Culture**

12000 velas **candles** . gastronomia **gastronomy** . taberna celta **celtic tavern**

oficinas **workshops** . exposições **exhibitions** . música celta **celtic music**

artesanato **handicraft** . animação de rua **street entertainment**

organização:



mercadoluzdasvelas

PROJETO VILLA PRANA CONCRETIZA SONHO ANTIGO

Novo conceito alia práticas saudáveis e alojamento

O Villa Prana – Guesthouse & Therapies alia o alojamento local à realização de diferentes práticas e terapias holísticas. Sílvia Duarte e David Coelho são os mentores do projeto que se traduz na concretização de um sonho de ambos, no qual a medicina ayurvédica é o principal foco.



David Coelho e Sílvia Duarte apostam num conceito que alia conforto e práticas salutares

TEXTO: MARISA AVELINO / FOTOS: EDUARDO JACINTO

●●● Espaço recente em Portimão, o Villa Prana – Guesthouse & Therapies localiza-se na Avenida Miguel Bombarda e dedica-se a “promover a saúde dentro da comunidade” através de várias práticas e terapias holísticas que disponibiliza aos seus clientes, bem como apresenta a vertente de hostel para quem quiser optar, simplesmente, pelo alojamento local.

Ao visitar o Villa Prana é no-

tável o cuidado com que cada objeto ocupa o seu lugar num espaço simples, sem ser simplista. Baseada na arte do Feng Shui, a decoração foi pensada ao pormenor e são os pequenos detalhes que se destacam, atestando o amor, a dedicação, o cuidado e o empenho que Sílvia Duarte e David Coelho, proprietários e administradores, ali depositam diariamente. As áreas são iluminadas, coloridas

e com um ambiente acolhedor, dando uma sensação de bem-estar a quem o visita.

No piso térreo localiza-se o Studio, constituído por uma sala de práticas, para Yoga, Pilates e Meditação, entre outras, e alguns gabinetes que dispõem de um serviço profissional de terapias e massagens, focado nas medicinas orientais, nomeadamente a Acupuntura, com principal destaque na Me-

dicina Ayurvédica ou Ayurveda. A Guesthouse situa-se no primeiro andar e tem uma capacidade total para 20 camas, distribuídas por cinco quartos e duas camaratas. Todas as áreas são partilhadas (quartos, wc e duche, cozinha e sala de estar) e o alojamento inclui pequeno almoço. Além de turistas, a Guesthouse também está disponível para receber grupos para retiros, usufruindo de todas as con-

O novo espaço pretende deixar um cunho pessoal na promoção da saúde e bem-estar dentro da comunidade

dições e facilidades que o Villa Prana tem para oferecer e com diversos programas de saúde.

Apesar de ser um espaço recente, pois foi inaugurado em janeiro passado, o Villa Prana – Guesthouse & Therapies parece já ter conquistado o público, que retribui com um ‘feedback’ positivo. “O reconhecimento tem acontecido. Nos poucos meses de porta aberta, temos fidelizado, as pessoas têm voltado. As coisas estão a fluir. O maior desafio agora é manter”, refere Sílvia Duarte, yogaterapeuta, em declarações à Algarve Vivo.

As práticas com mais procura são o Yoga, pela projeção que tem tido nos últimos tempos, e o Pilates por ter uma vertente mais clínica, sendo aconselhada por médicos. A meditação com taças tibetanas também se tem destacado, chegando a reunir cerca de 30 pessoas em algumas práticas.

“A concretização de um sonho”

O Villa Prana nasce de uma vontade comum. É um projeto a dois, “resultado de um percurso de vida muito forte, intenso”, e

surge como uma junção entre a experiência de vida, pessoal e profissional, de Sílvia Duarte, sempre ligada à vertente holística, e a tarimba profissional que David Coelho tem na área da hotelaria. Após dois anos a amadurecer a ideia, o casal decidiu, finalmente, avançar com o projeto. Todo o conceito existente no Villa Prana resulta de viagens à Tailândia, Nepal, Tibete e Índia, da forte ligação que têm com aquele lugar. “Casámos no sul da Índia, em Goa, e temos memórias e recordações muito especiais e intensas de lá. Essas viagens e vivências foram um despertar para o que pretendíamos fazer. Nós quisemos implementar tudo aquilo que vivenciámos lá”, contou a yogaterapeuta. “Não queríamos abrir apenas mais uma sala de práticas. O objetivo era criar algo diferente, que se destacasse naquilo que faz. É a concretização de um sonho”, diz com um brilho no olhar.

“Viva bem, viva prana”

Para levar a cabo a sua missão, o Villa Prana aposta numa equipa de qualidade, constituída



■ Todos os detalhes foram pensados para proporcionar o máximo conforto aos clientes

por 14 profissionais (massagistas e professores), “exímios no trabalho que fazem e que vestem a camisola do projeto”. Quer nos serviços que prestam, quer nas parcerias que têm, Sílvia e David defendem um serviço que vá de encontro às necessidades de quem os procura. “Não queremos ter tudo, queremos ter aquilo que achamos que para nós seja bom e um serviço profissional”, frisa David. “Viva bem, viva prana” é o slogan do novo espaço que pretende deixar um cunho pessoal na promoção de saúde e bem estar dentro da comunidade. “Prana significa energia vital, que flui pelo nosso corpo e o Yoga permite essa viagem”, explica Sílvia Duarte.

Workshops e formação

Para os interessados em cozinhar com saúde, o Villa Prana também promove workshops de cozinha e alimentação macrobiótica. Outra iniciativa que, a curto prazo, Sílvia e David

querem introduzir é uma viagem anual a Goa, de índole terapêutica, com uma incursão a uma clínica ayurvédica, tendo como objetivo proporcionar aos inscritos outra perspectiva das práticas e terapias aqui experienciadas. “Esta viagem será uma forma de promovermos o que fazemos cá lá”, acrescenta David. “A nível de saúde, ainda não igualei nada do que tenha feito fora da Índia e fora daquela experiência que foi com o Ayurveda. Nós acreditamos vivamente no poder daquela medicina”, remata Sílvia. No futuro, os interessados também vão ter a oportunidade de frequentar alguns cursos de formação (massagens, entre outros), ministrados por profissionais nacionais e da Índia, oriundos de escolas certificadas.

“Tudo isto foi feito com muito amor e paixão. E a união que eu e o David temos entre nós realmente vingou e este foi o resultado”, conclui a yogaterapeuta com indistigável emoção.

Medicina Ayurvédica ou Ayurveda

Trata-se de uma medicina tradicional indiana que afirma que tudo no universo é formado pelos cinco elementos básicos da natureza: espaço ou éter, ar, fogo, água e terra. Os elementos unem-se dois a dois para formar os doshas (humores biológicos) que atuam na nossa fisiologia assim como na formação dos desequilíbrios psicofísicos. O Ayurveda é uma medicina complexa e completa e utiliza diversas ferramentas terapêuticas para equilibrar os doshas.

NOITE 'BLACK & WHITE' A 18 DE JUNHO

Verão algarvio começa em Carvoeiro

Esperadas mais de 20 mil pessoas para uma noite de muita música e animação.



Já são milhares aqueles que não dispensam a noite 'Black & White'

RUI PIRES SANTOS

●●● A noite 'Black & White' é já uma referência no Algarve e este ano realiza-se a 18 de junho na vila de Carvoeiro. Depois do sucesso alcançado nas duas primeiras edições, em 2016 as expectativas são ainda mais altas, num evento que tem merecido muitos elogios por parte dos visitantes. Este ano, a organização, a cargo da Câmara Municipal de Lagoa e da Ibérica Eventos, espera mais de 20 mil pessoas.

Naquela que será a primeira grande festa de Verão no Algarve, a animação começa logo pelas 20h30 e prolonga-se até às 3h00

da manhã, marcando desta forma o início em grande das noites quentes na região.

O branco e o preto serão obrigatórios e transversais às várias manifestações, que vão desde a dança à animação de rua, com particular destaque para a música de diferentes géneros e procedências. O Largo da Praia e as ruas do centro de Carvoeiro, redenhadas numa ambiência muito particular, contarão com cinco cenários diferentes que acolherão oito espetáculos de música e dança ao longo da noite.

Com o comércio aberto, muita música e

dança, toda a gente vestida de preto e branco, esta será mais uma noite com uma atmosfera única naquela típica vila piscatória.

Sempre a abrir

A noite 'Black & White' começa às 20h45 com música e dança oriental a cargo do grupo El Laff. O original projeto L.S.D. Living Statues DJ fará a transição do dia para a noite com um 'Chill Out Sunset', entre as 21h00 e as 22h00. A música dos anos 60, 70, 80 e 90 será protagonista no cenário da Estrada do Farol, com o Dj Alex Ramos, a partir das



Turistas são já um público fiel ao evento

22h00 e ininterruptamente até às 2h00. Entre as 21h50 e as 23h00, os 'Six Irish Men' vão pôr o público a dançar ao som de 'covers' emblemáticos como 'Leaving of Liverpool', 'Toss the Feathers', 'Fisherman's Blues', etc...

O multi-instrumentista grego Spyros Kaniaris (ex-membro do grupo L'Ham de Foc) apresentará duas das formas mais expressivas de música tradicional grega - 'Dimotiki' e 'Rembetika', com início às 22h45 no cenário da Rua do Barranco.

Às 23h00, subirá ao palco do Largo da Praia do Carvoeiro o cantor e compositor britânico Daniel Kemish, que brindará o público com a apresentação do seu cd 'Fools & Money'.

A partir das 00h00 e até às 03h00, o areal da praia vai transformar-se numa mega pista de dança, com os mais relevantes temas de 'dance music', selecionados pelo Dj Pete Sleeve.

Mais estacionamento

Face ao crescimento que o evento tem registado, com cada vez mais público, a organização anunciou já a criação de novos estacionamento e disponibilizou autocarros de 15 em 15 minutos, entre as 20h00 e as 03h30 da madrugada, para levar as pessoas das zonas de estacionamento até à entrada do evento, conferindo um outro conforto aos visitantes e reduzindo as filas de trânsito. Em funcionamento estarão cinco zonas de estacionamento, devidamente vigiadas, localizadas no recinto da FATACIL, e nos estacionamento do Pingo Doce, Aldi, Apolónia e Intermarché, todos em Lagoa.

Jazz brilha no Sítio das Fontes

Três noites de boa música e com grupos de qualidade. Concertos começam às 22h00. Bilhetes custam 8 euros.



O improviso musical marcará o festival

●●● O Lagoa Jazz volta a abrir a época dos festivais de jazz no Algarve, este ano de 24 a 26 de junho. Com mais um cartaz de qualidade e tendo o inigualável Sítio das Fontes, em Estômbar, por cenário privilegiado, constitui um dos eventos de maior destaque em toda a região nesta altura do ano.

O evento tem início no dia 24 com a atuação de Franck Wolf & Mieko Miyazaki, um duo que apresenta sonoridade original e uma cumplicidade evidente, transportando os espetadores numa viagem através de diferentes mundos. A inspiração e a genialidade dos saxofones de Franck Wolf, com a sonoridade fascinante do koto de Mieko Miyazaki, são garantias de um serão muito agradável.

Ainda nesta noite, subirão ao palco Remi Panossian Trio, conjunto constituído por Remi Panossian (piano), Maxime Delporte (contrabaixo) e Frédéric Petitprez (bateria).

No dia 25, sábado, o destaque vai para o Guitar Republic Trio, formado por Pino Forastiere, Stefano Barone e Sérgio Altamura, três dos maiores nomes da guitarra acústica em Itália. Um trio que combina a linguagem 'bluesy' com técnicas de 'tapping' a duas mãos, padrões rítmicos, usando a caixa de ressonância da guitarra e a utilização do arco habitualmente usado em instrumentos como o violino ou o violoncelo.

O quinteto de Cláudia Franco, cantora revelação no panorama do jazz em Portugal, atua também nessa noite, num projeto que combina repertório de clássicos do jazz, com arranjos para grandes 'hits' da música pop e alguns originais.

Tradição marca presença

A fechar o festival, Pedro Jóia, o mais brilhante guitarrista português da sua geração, traz até ao Algarve uma nova abordagem ao rico e colorido folclore tradicional português, surgindo em palco com o seu trio. Fortemente marcado pelo fado, e após trabalhar durante vários anos baseado na transcrição da música de Armandinho, de guitarra portuguesa para guitarra clássica, aproxima esta abordagem da tradição musical relacionada com o folclore, criando uma visão ritmada e singular da música popular, ao enriquecê-la com acordeão e baixo.

Por fim, o projeto 'Tim Tim por Tim Tum' explora, num universo de improvisação entre os músicos, o som e o silêncio, o acústico e a estética, o gestual e o imprevisível, num projeto com uma forte componente de interação e comunicação com o público.

Os concertos começam às 22h00. Os bilhetes custam 8 euros e estão à venda em Ticketline Portugal e no Convento de S. José (282 380 434).

Lagoa integra menú da Rota do Petisco 2016

Desde 27 de maio e até 26 de junho, 34 restaurantes e pastelarias de Ferragudo, Parchal, Mexilhoeira da Carregação, Estômbar, Porches, Carvoeiro e Lagoa participam na segunda fase da Rota do Petisco 2016, evento gastronómico que já é uma referência na região.

MANUEL CABRITA



O conceito de cozinha tradicional renova-se neste evento gastronómico

Por estes dias, podem ser (a)provadas a sopa de peixe, a feijoadade choco, o polvo albardado, o bacalhau dourado, o estufado de javali, as moelinhas de frango, ou mesmo sandes de moreia frita e tiborna de cavala, ao dispor dos petiscadores nas quatro zonas do concelho de Lagoa.

Destaque para a zona 3, com metade dos participantes, a qual inclui a repentina vila de Ferragudo, desde 2013 a marcar pontos na Rota do Petisco. Seguem-se as estreantes zona 2 (Lagoa/Parques) com oito estabelecimentos, e zonas 1 (Carvoeiro) e 4 (Estômbar/Parchal),

ambas com quatro espaços de restauração e afins.

Para João Costa, proprietário do restaurante de cozinha tradicional O Ciclo, localizado em Lagoa, “esta é uma boa forma de dinamizar a cidade e acredito que a Rota do Petisco, embora não traga retorno imediato em termos económicos, ajudará seguramente na divulgação da nossa oferta gastronómica”.

Quanto a Luís Alberto, presidente da Junta de Freguesia de Ferragudo e gerente da ‘Casa Grande’ e da loja de produtos algarvios ‘Origens’, “esperava maior adesão nas outras loca-

lidades do concelho, mas Ferragudo irá honrar os pergaminhos da nossa cozinha, porque sabemos o alcance da divulgação anteriormente obtida com a Rota. Para chegar a este nível de adesão é necessário um trabalho de bastidores, contactando os eventuais interessados porta-a-porta, que foi o que a Junta tem feito desde a primeira hora.”

Por uma boa causa

A Rota do Petisco 2016 divide-se em três etapas, a primeira das quais envolveu os concelhos de Lagos e Vila do Bispo, de 1 a 29 de maio. Na segunda fase, e para além de Lagoa, também

participam os concelhos de Silves e Monchique, os quais se estrearam na iniciativa no ano passado. A culminar, o concelho de Portimão será o único destino, entre 9 de setembro e 9 de outubro.

Os participantes são guiados pelo Passaporte da Rota, no qual estão identificadas todas as paragens e a respetiva ementa, revertendo integralmente a sua venda, ao preço simbólico de 1 euro, para diversas instituições particulares de solidariedade social. O mesmo, que neste ano terá tradução em Inglês, pode ser adquirido em qualquer estabelecimento aderente, assim como nas sedes das Juntas e União das Freguesias.

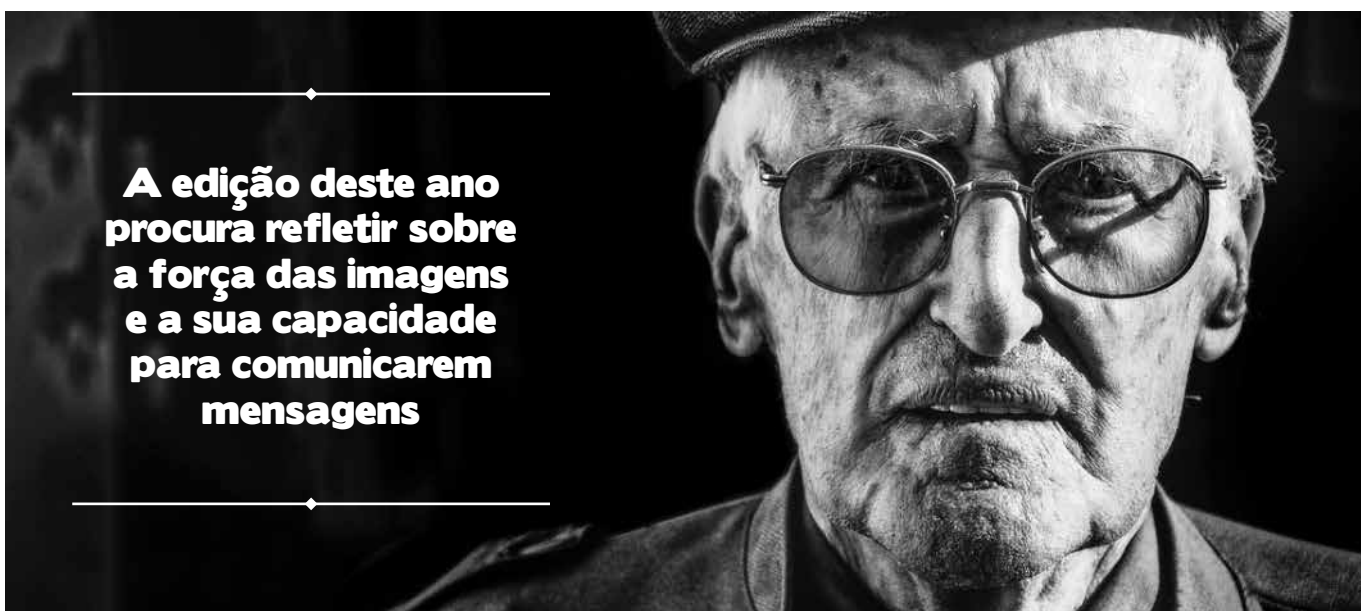
Com preços fixos de 3 euros na modalidade do petisco (prato e bebida) e de 2 euros no doce regional (sobremesa e bebida), a Rota do Petisco é organizada pela associação Teia D'Impulsos em parceria com um vasto conjunto de empresas, instituições e autarquias, visando promover a restauração e o comércio, bem como a gastronomia tradicional, sem esquecer a revitalização das localidades aderentes através de animação social e do enriquecimento da oferta turística fora da época alta.

Saiba mais em: <http://rotadopetisco.com/>

Porque uma imagem vale mais que mil palavras

Os ENFOLA 2016 – Encontros de Fotografia de Lagoa serão caracterizados pela pluralidade, “quer nas abordagens escolhidas, quer na interpretação que cada um fará dos fotógrafos que observa e dos fragmentos de mundo que lhe são transmitidos através delas”, sustenta Nuno de Santos Loureiro, diretor do evento.

A edição deste ano procura refletir sobre a força das imagens e a sua capacidade para comunicarem mensagens



ENFOLA*2016 © All rights reserved.

O Algarve e os algarvios são o mote dos ENFOLA 2016

●●● A terceira edição do evento arranca na manhã de 10 de junho, com a inauguração da exposição fotográfica “Algarvios”, que reúne trabalhos de Vítor Pina e ficará patente no Parque Municipal do Sítio das Fontes, em Estômbar, até 4 de setembro próximo. No total, apresentam-se 38 fotografias a preto-e-branco que contribuem para um retrato coletivo e identitário da região e seus habitantes.

Vítor Pina, natural de Portimão, afirma tratar-se “de um projeto de fotografia de rua intensa, porque resulta de grande proximidade física e social com os retratados. São imagens honestas e que, sem assumirem

uma vertente documental, ambicionam ser um espelho social da época atual.” A mostra poderá ser visitada de terça a sábado entre as 15h00 e as 20h00, com entrada gratuita.

Exposição e venda de fotos

Agostinho Teixeira, Bruno Gonçalves, Filipe da Palma, Pedro Noel da Luz e Elisabete Maisão são os fotógrafos que integram a Algarve Photo Fair deste ano, patente entre 16 de julho e 4 de setembro na Casa do Real Compromisso Marítimo de Ferragudo, no âmbito dos ENFOLA 2016.

A inauguração oficial da mostra/feira, que pretende dinamizar o mercado de ven-

da de fotografias de autor no Algarve, está agendada para a tarde de 16 de julho, a partir das 17h30, momento a partir do qual os visitantes poderão apreciar o projeto de aprendizagem da linguagem característica da arte fotográfica para crianças do ensino básico, sugestivamente intitulado “Aprendizes do olhar”. Também poderá ser vista a exposição “Cabeça fora de água”, que reúne trabalhos fotográficos de um conjunto de jovens crescidos em contacto com o digital e a internet, e que, em resultado da sua formação básica em cursos profissionais de Design Gráfico e de Multimédia, ensaiam um olhar fotográfico pessoal, trabalhando a

partir dos códigos dominantes nas redes sociais, com os seus filtros, maneirismos e narcisismos, ou a eles se opondo.

A força das imagens

Nuno Loureiro considera que a edição deste ano “procura refletir sobre a força das imagens e a sua capacidade para nos comunicarem mensagens. Na verdade, sobre o velho ditado popular que nos diz que uma imagem são mil palavras.”

Os ENFOLA são uma iniciativa conjunta do Município de Lagoa e da Universidade do Algarve, podendo ser consultadas mais informações em: www.encontrosfotografialagoa.pt.

EVENTO PASSA PELA SRA. DA ROCHA, CARVOEIROA E FERRAGUDO

'Sons do Atlântico' com novo formato

Três fins-de-semana e três locais diferentes, em julho e agosto, mas sempre com o melhor da 'world music'.



RUI PIRES SANTOS

●●● O festival de músicas do mundo de Lagoa, sugestivamente intitulado 'Sons do Atlântico', regressa em 2016 renovado e com um novo formato. Mantendo a qualidade com o melhor da 'world music', o evento vai realizar-se na Sra. Rocha (30 e 31 de julho), em Carvoeiro (6 e 7 de agosto) e em Ferragudo (13 e 14 de agosto), a partir das 22h00. Flamenco, tango e fado são alguns dos géneros musicais em destaque

Os Sons do Atlântico começam a 30 e 31 de julho no seu palco natural e onde sempre se realizam: a Ermida da Nossa Senhora da Rocha. No primeiro dia, o protagonista é o conjunto sevilhano 'Jesus Herrera y su Cuadro Flamenco', que apresenta um espetáculo de música e dança, com o nome 'Dantzari/El Bailaor'. No dia seguinte, é a vez do tango reinar com o grupo argentino 'La Porteña Tango'. Duas noites com muita energia e alegria sobre a falésia, bem junto ao Oceano Atlântico.

Carvoeiro a 6 e 7 de agosto

Uma semana depois, o festival está de regresso a um novo local, à Praia do Carvoeiro. A 6 de agosto, numa noite de grande espetáculo, vai ter em palco a Orquestra Clássica do Sul com Kátia Guerreiro, sendo o fado o centro de todas as atenções. Na

noite seguinte, a atuação do grupo mexicano 'Mariachi Mezcal' promete seduzir também o público, com a sua tradicional indumentária, inspirada no traje de charro, e a interpretações de um vasto repertório de canções de diferentes regiões do México: jarabes, minués, polkas, valonas, chotis, valsas, etc.

Vitorino em Ferragudo

No fim-de-semana de 13 e 14 de agosto, será a vez da vila de Ferragudo receber os 'Sons do Atlântico'. Logo no primeiro dia, em destaque estará o cante alentejano, com o concerto 'Clássico Encante', que reúne a Orquestra Clássica do Sul, com Vitorino e Janita e os Cantadores de Redondo. A fechar o festival deste ano, ainda em Ferragudo, o flamenco volta a estar em destaque, com o espetáculo de musical e de dança 'Bailarte Flamenco', da Companhia 'Ramón Martínez & Alicia Márquez'.

Capoeira também nos 'Sons'

Este ano, outra das novidades dos 'Sons do Atlântico' são os espetáculos de animação com o grupo 'Muzenza de Capoeira/Associação de Capoeiragem Malta do Sul', que vão protagonizar pequenos momentos desta arte durante o evento. Recorde-se

que, em 2014, a capoeira foi considerada Património Imaterial da Humanidade. Em Lagoa, a Associação de Capoeiragem Malta do Sul tem desenvolvido um trabalho meritório na modalidade, com resultados e distinções nacionais e internacionais.

Programa

SRA. DA ROCHA

- **30 julho**
Jesus Herrera y su cuadro flamenco
- **31 julho**
La Porteña Tango

CARVOEIRO

- **6 agosto**
Concerto Orquestra Clássica do Sul + Fadista Kátia Guerreiro
- **7 agosto**
Mariachi Mezcal

FERRAGUDO

- **13 agosto**
Orquestra Clássica do Sul & Vitorino e Janita Salomé
- **14 agosto**
Ramón Martínez & Alicia Márquez"

COMANDANTE VAZ PINTO EM DECLARAÇÕES À ALGARVE VIVO SOBRE OS INCÊNDIOS FLORESTAIS

“Ataque inicial deverá ser **fulminante e musculado**”

Está tudo a postos para enfrentar a época de fogos florestais no Algarve. Vaz Pinto, comandante operacional do Comando Distrital de Operações de Socorro de Faro, conta como funciona o dispositivo.



JOSÉ MANUEL OLIVEIRA

●●●O Algarve conta com mais duas equipas de sapadores florestais e uma municipal de intervenção nessa área durante a época de incêndios. Por outro lado, haverá mais um grupo de combate a incêndios florestais “sempre que for declarado o estado de alerta especial, ao nível laranja ou superior”. Na denominada ‘Fase Charlie’, de 1 de julho a 30 de setembro, período considerado mais crítico para fo-

gos florestais, 525 bombeiros disporão de vários meios técnicos e do apoio dos 12 postos de vigia instalados no Algarve, além de helicópteros em Loulé, Monchique, Cachopo e Ourique, no Baixo Alentejo.

Quem o diz é o comandante operacional do Comando Distrital de Operações de Socorro (CDOS) de Faro, da Autoridade Nacional de Proteção Civil, Vítor Vaz Pinto, de 53 anos, que,

em entrevista à Algarve Vivo, reconhece a extrema vulnerabilidade da região a incêndios rurais e lamenta a falta de limpeza numa faixa de 50 metros à volta das edificações, sem esquecer queimadas fora da época.

Três fases

“O dispositivo que está preconfigurado contará na fase Bravo (desde 15 de maio até 30 de ju-

nho) com 420 operacionais que serão apoiados por 95 meios técnicos dos vários agentes de proteção civil (APC) e entidades cooperantes (EC). Nesta fase entrarão em funcionamento cinco postos de vigia. Já na fase Charlie (de 1 de julho a 30 de setembro) beneficiaremos de 525 operacionais que serão apoiados por 124 meios técnicos dos vários APC e EC. Neste período crítico entrarão



Vaz Pinto alerta para o extremo perigo das queimadas sem controlo

60 euros por 24 horas de prontidão

Uma das inovações neste ano é que cada bombeiro passará a receber 60 euros por 24 horas de prontidão. Na sequência da celebração do protocolo de cooperação para a constituição do Dispositivo Especial de Combate a Incêndios Florestais nesta região, o qual, anualmente, é promovido pela Comunidade Intermunicipal do Algarve - AMAL, envolvendo a Autoridade Nacional de Proteção Civil, a Federação dos Bombeiros, as Câmaras Municipais e as entidades detentoras dos corpos de bombeiros, “tem sido possível aumentar a compensação paga aos bombeiros que integram o dispositivo em 15 euros, o que permitirá que cada um aufera um valor de 60 euros por período de 24 horas de prontidão”, refere Vaz Pinto.

Queimadas em período crítico

As zonas que apresentam maior perigosidade de incêndio florestal “são, claramente, a Serra de Monchique e a Serra do Caldeirão, não só pelo legado natural predominante, como essencialmente pela população residente nestas áreas, onde (quase sempre) existe a promiscuidade entre espaço rural e edificado, fator que dificulta na extinção dos incêndios e que promove a perda acelerada e gravosa da segurança de pessoas e seus bens.” Por isso, apela Vaz Pinto, “é essencial que os residentes em áreas rurais, ou no interface urbano-florestal, executem aquilo que lhes compete por Lei, nomeadamente, proceder à gestão de combustível numa faixa de 50 metros à volta das edificações. Apesar das campanhas e ações de sensibilização, ainda há quem realize queimas no período crítico, tendência que vai sendo invertida pela constante aposta dos Serviços Municipais de Proteção Civil e GNR na alteração de comportamentos de risco desta natureza, junto da população”, faz notar.

em funcionamento, ao longo das 24 horas, a totalidade dos 12 postos de vigia implementados na região. Por fim, na fase Delta (de 1 a 31 de outubro), o dispositivo, caso não haja o prolongamento do período crítico por parte do Governo, retrai, sendo desmobilizado o reforço no dia 15 de outubro. Nos primeiros 15 dias desse mês, contaremos com 333 operacionais, apoiados por 79 meios técnicos dos vários APC e EC. Nesta fase, os postos de vigia não estarão guarnecidos”, explica Vaz Pinto.

E acrescenta: “Relativamente ao dispositivo do ano transato, contaremos com mais duas equipas de sapadores florestais e uma equipa municipal de intervenção florestal, as quais desempenham tarefas de prevenção operacional, sob orientação da GNR, e em caso de incêndio são afetadas ao ataque inicial, com funções de primeira intervenção. No presente ano, à semelhança do que tem sucedido nos anteriores, apostamos essencialmente na consolidação de uma doutrina que incorpora medidas corretivas, as quais são fruto de um processo contínuo de lições aprendidas, e que se têm mostrado imperiosas na consolidação dos resultados atingidos pelos dispositivos

constituídos na região.”

Em 2016, as alterações mais significativas, e as quais também resultam de um processo contínuo de lições aprendidas, como insiste Vaz Pinto, “materializam-se na constituição de uma equipa de planeamento, operações e informações, cuja missão é o estabelecimento de uma célula de operações no terreno, a partir do momento em que se verifica o reforço de meios.”

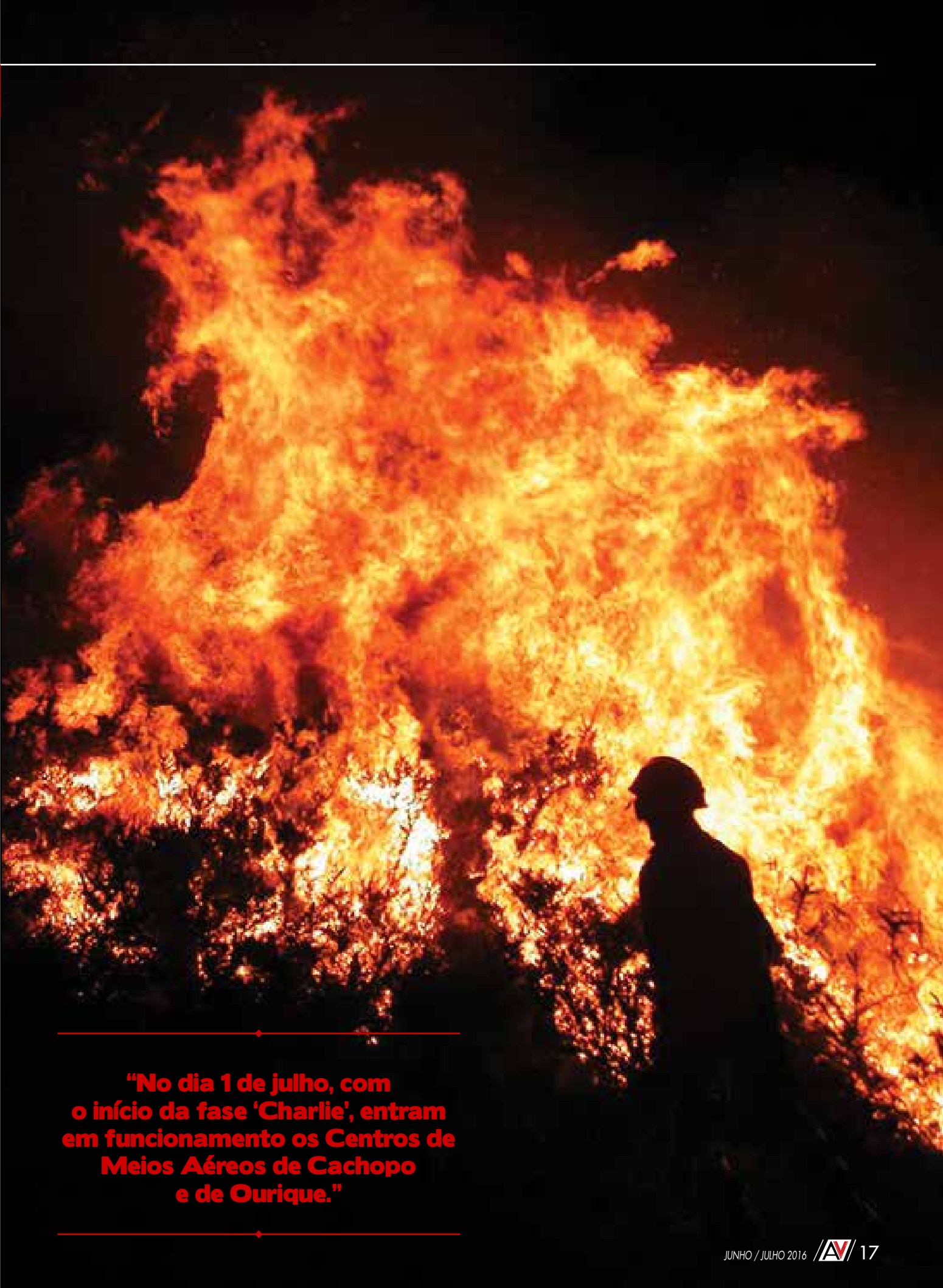
Combate aéreo

Em relação aos helicópteros para o Algarve durante a época de maior risco de incêndios e a capacidade de intervenção desses meios aéreos, Vaz Pinto conta como atuarão: “Desde 15 de maio, juntou-se ao helicóptero bombardeiro pesado que se encontra sediado na Base de Helicópteros em Serviço Permanente de Loulé, um helicóptero bombardeiro ligeiro, de ataque inicial, com a respetiva equipa helitransportada, composta por cinco militares do Grupo de Intervenção de Proteção e Socorro (GIPS) da GNR, a posicionar no Centro de Meios Aéreos de Monchique. Estas aeronaves assumem raios de ação primários diferenciados, nomeadamente 70 Km para o helicóp-

tero pesado de ataque ampliado e 40 km para o helicóptero ligeiro de ataque inicial. O helicóptero pesado será reposicionado a partir de 15 de junho, noutra região regressando ao Algarve, a partir de 15 de outubro. Neste período operará a partir de Loulé um helicóptero bombardeiro médio, com uma equipa de oito militares do GIPS/GNR (15 junho a 15 outubro).”

“No dia 1 de julho, com o início da fase ‘Charlie’, entram em funcionamento os Centros de Meios Aéreos de Cachopo e de Ourique, “os quais mantêm até 30 de setembro helicópteros ligeiros, com as respetivas equipas helitransportadas, guarnecidos, respetivamente, pelo GIPS/GNR e pela Força Especial de Bombeiros.”

Em suma, esclarece Vaz Pinto, ao esclarecer que no período de maior esforço do Dispositivo Especial de Combate a Incêndios Florestais – “fase ‘Charlie’ – “contaremos com quatro meios aéreos de ataque inicial. Estes meios aéreos, cujo raio de atuação é de 40 km, garantem a cobertura da região na sua totalidade, podendo ser complementados por meios aéreos de ataque ampliado, de gestão nacional, caso se afigure necessário.”



“No dia 1 de julho, com o início da fase ‘Charlie’, entram em funcionamento os Centros de Meios Aéreos de Cachopo e de Ourique.”

REVISTA À PORTUGUESA DO BOA ESPERANÇA SINGRA CONTRA VENTOS E MARÉS

Capacidade de adaptação às novas tendências

Em Portimão, um grupo de atores amadores reinventa a tradição da revista à portuguesa e oferece um espetáculo de elevado nível. O segredo? Profundo respeito pela plateia.



TEXTO: MANUEL CABRITA | FOTOS: EDUARDO JACINTO

“Eles querem €...Fado e Baile”, o título deste ano da revista do Boa Esperança, continua fiel a uma tradição com meio século e que catapultou para o êxito esta popular representação em palco: temas locais e abordagem divertida da realidade, na base do humor cáustico e de um assinalável

poder de improviso.

Flávio Vicente, Telma Brazona, Sandra Rodrigues, Miguel Ângelo e Carlos Pacheco dão corpo a rábulas sobre os refugiados, o porto de cruzeiros de Portimão, a emigração ou Jorge Jesus, intercaladas por momentos de fado a cargo da jovem promessa local João

Leote. Destinado a um público com mais de 12 anos, o espetáculo esteve em cena entre fevereiro e maio último na sede da coletividade e encontra-se atualmente em itinerância por diversas localidades da região algarvia.

A estrutura movimenta cerca de 30 pessoas a partir de

setembro de cada ano, incluindo figurinistas, guionistas, ade-recistas, cenógrafos, técnicos de iluminação e de som, entre outros colaboradores.

Para perceber as razões do sucesso alcançado, a reportagem da Algarve Vivo falou com Carlos Pacheco, argumentista, encenador, ator e presidente

Tudo começou na década de 1950, com um grupo de comerciantes mascarados de 'matrafonas', que na altura do Carnaval faziam uma pequena brincadeira destinada apenas aos sócios

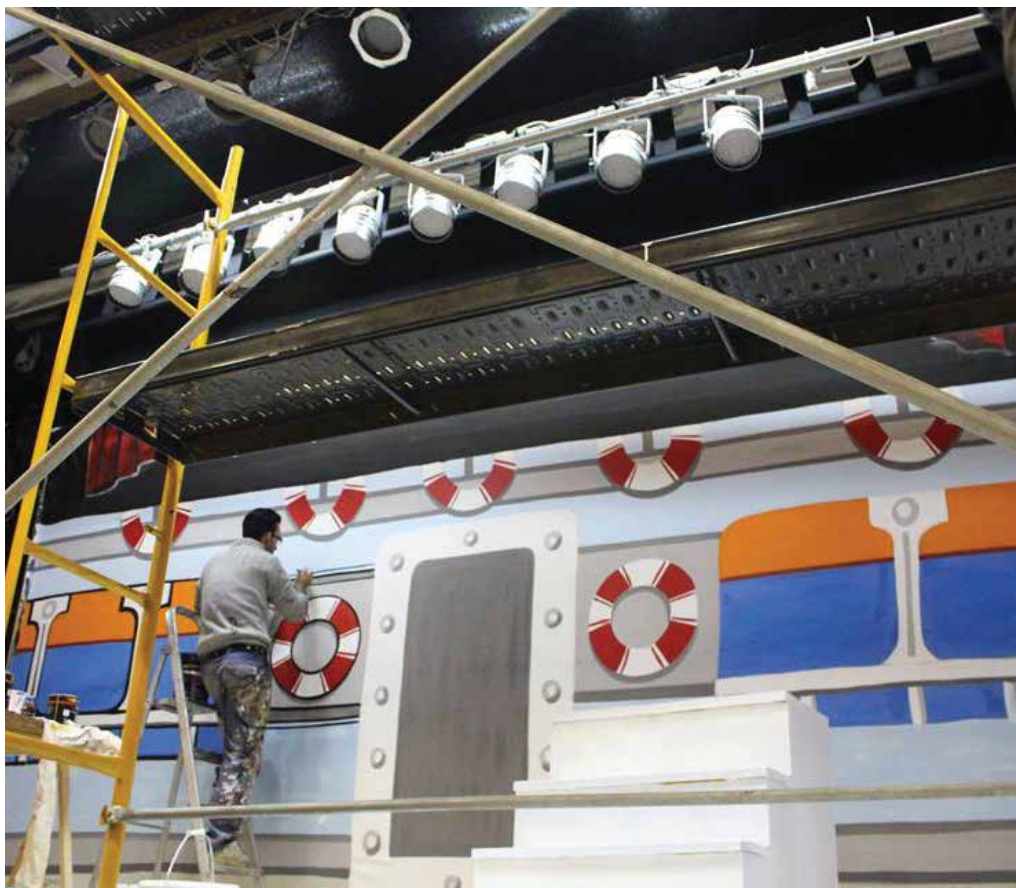
de direção do Boa Esperança, segundo o qual "é fundamental conseguirmos adaptar a escrita aos gostos da plateia, com muito ritmo e interação com o público, porque um dos nossos segredos é o tipo de linguagem simples que usamos, brejeira sem ser ofensiva, popular e de acesso fácil para todo o auditório, do senhor doutor ao singelo pescador."

Além de Telma Brazona ao nível dos conteúdos, conta ainda com Flávio Vicente na componente artística, principalmente na criação dos cenários. "No fundo, a começar por mim, isto funciona como uma espécie de escola onde todos temos crescido muito enquanto pessoas, com as oportunidades que vêm surgindo", reconhece Carlos Pacheco à nossa reportagem, manifestando "legítimo orgulho, porque nada se faz do género a sul do Tejo (ou mesmo a norte...) com tamanha amplitude."

Fator feminino

Carlos Pacheco recorda como tudo começou, em meados da década de 1950, "com um grupo de comerciantes da cidade, mascarados de 'matrafonas', e que na altura do Carnaval faziam uma pequena brincadeira destinada apenas aos sócios. Durante muitos anos, somente participavam homens. Passaram-me muitas direções e muitas situações, até que a dado momento – por volta de 1998 – eu e o Ilídio Poucoquinho tivemos a ideia de incluir duas mulheres no elenco, que ensaiaram assim como que às escondidas, até ao momento em que apresentámos à direção o que iria ser o espetáculo, nas vésperas da estreia... Foi o bom e o bonito!"

"Os diretores armaram um caldinho do



Muito antes da estreia, há um sem-número de preparativos a fazer

caraças, porque (segundo eles) iríamos dar cabo da tradição. O próprio público, habituado a uma atuação somente com machos, mesmo que travestidos, não disfarçou um certo choque inicial. Sucede que não dispúnhamos ainda de capacidade artística capaz para dar a volta à questão, porque é muito mais fácil um homem fazer rir se estiver vestido de senhora...!", lembra. "Mas a coisa lá foi andando, e no ano seguinte inserimos uma fadista, no posterior já foram três bailarinas... As mentalidades acabaram por mudar e hoje em dia já não faz qualquer sentido ser só homens a representar", afirma à Algarve Vivo.

Uma das figuras femininas que mais se têm destacado ultimamente é Telma Brazona, descoberta por Carlos Pacheco no já tradicional Enterro do Entrudo promovido pela ACD de Ferragudo. Sobre a atual diretora de atores, o responsável elogia-lhe o "improviso fora de série e a capacidade de conciliar a família com as suas responsabilidades em palco", considerando-a o seu "braço direito."

Processo arranca em setembro

Em termos de metodologia de trabalho, nesta altura do ano a revista à portuguesa

do Boa Esperança está em itinerância pela região algarvia, de barlavento a sotavento, não se comprometendo com outras deslocações devido à agenda totalmente preenchida. Verifica-se uma pausa no mês de agosto, já que os atores asseguram a animação no Festival da Sardinha, em Portimão, e na FATACIL de Lagoa. A partir de setembro, tem lugar a fase de idealização e análises dos temas a pegar. Segue-se a escrita dos argumentos, os quais poderão ser atualizados já depois de a revista estar



A interação com o público está sempre presente



Como Pacheco começou

Nascido em Portimão no ano de 1966 e aí criado, Carlos Pacheco ingressou no Boa Esperança há quase 40 anos “por portas e travessas”, conforme afiança: “A coletividade alimentava um certo elitismo social e eu era oriundo de classes humildes, pois a minha mãe era operária conserveira. Nos idos de 1970 ainda havia muito esse tipo de preconceitos, mas como alguns amigos meus frequentavam o clube, também me quis fazer sócio. Em circunstâncias normais nunca seria aceite e então inscrevi-me na equipa de atletismo, numa tentativa de aproximação... que acabou por resultar, até porque fui vice-campeão nacional de saltos em altura na época de 1979 e obtive outros bons resultados.”

“Um belo dia, estava a assistir ao ensaio do grupo de teatro e, como já tinha participado em récitas dos escuteiros, o Ilídio Poucoquinho desafiou-me para experimentar. A partir daí, nunca mais deixei o palco”, sublinha, antes de recordar: “Por

diversos motivos, sobretudo pessoais, o Ilídio afastou-se e eu fiquei um bocado aflito, porque fazíamos uma boa dupla, nomeadamente a escrever os textos. Em todo o caso, agradeço-lhe pelas situações que me foram acontecendo, pois ele sempre me ‘jogou às feras’, no bom sentido, desde chegar a presidente de direção do Boa Esperança há dez anos, até ao estímulo para que assumisse sozinho a escrita dos textos, etc.”

Com uma rica panóplia de anedotas vividas na primeira pessoa, Carlos Pacheco coleciona uma larga série de “episódios levados da breca” passados em frente do auditório, mas os que mais o têm marcado são as partidas de bastidor entre colegas. Contudo, não hesita: “Somos todos muito brincalhões e tal, mas quando o espetáculo começa tudo muda e a concentração é a palavra de ordem. Até parece que as peças estão todas encaixadas e não falha mesmo nada.”

Nesta altura do ano, a revista à portuguesa do Boa Esperança está em itinerância pela região algarvia, de barlavento a sotavento

em cena.

Os ensaios começam entre finais de outubro e inícios de novembro, numa primeira fase com leituras para decoração dos textos ao longo de uma semana, desde as 9h00 até à meia-noite. “Trata-se de uma técnica apurada por nós depois de muita tarimba e imensos erros, mas que funciona muito bem”, diz Carlos Pacheco, que assume ser um “puro autodidata”, embora seja convidado regularmente para ministrar cursos temáticos sobre direção de atores. Entretanto, arranca o processo de idealização e conceção de cenários, figurinos e adereços, para que a estreia aconteça o mais tardar nos primeiros dias de fevereiro.

São três dezenas de elementos, “amadores porque amam aquilo que fazem, desde eletricitas, aderecistas ou pessoal de apoio, até dançarinos e atores, reforçados por vezes com mais dois ou três amigos que recrutamos para virem dar uma ajuda”, complementa o responsável.

Tudo somado, o orçamento médio para montar uma revista à portuguesa como aquela produzida pela coletividade ronda os 40 mil euros, daí resultando meia cen-

tena de atuações por temporada, “sempre com casa cheia”, cuja lotação ronda os 250 espetadores.

Beber inspiração

Quando pode, Carlos Pacheco viaja até Nova Iorque, Paris, Madrid ou Londres, “para beber tendências, já que os espetáculos são por modas. Faz tempo que deixei de ir a Lisboa, em especial ver as revistas do Maria Vitória, porque a certa altura senti que houve estagnação, optaram pelo tradicionalismo, dali não passam e depois é natural que percam público. Nós, aqui, estamos sempre a atualizar em termos de luz, de som, de tecidos ou de mil e outros detalhes, adaptando-os à nossa realidade. Todos os anos é feito um avultado investimento em termos técnicos, nunca inferior aos 15 mil euros.”

Ampliação de instalações

Apesar de funcionar num edifício quase centenário, é notório o cuidado em todos os detalhes, fruto de uma evidente preocupação pela conservação do imóvel, tendo sido recentemente colocadas 17 janelas novas.

Seguir-se-á em breve o envernizamento da sala de espetáculos, orçado em cerca de 3 mil euros.

Por outro lado, e aproveitando o baldio existente nas traseiras do clube, avançou há alguns anos a ampliação das infraestruturas, tendo sido construídas quatro lojas para alugar no rés-do-chão e prolongada a laje do piso superior, devidamente alicerçada e destinada a ampliar a sala de espetáculos, e que é a única parte da obra ainda por concluir. “Tudo isto teve início antes de se instalar esta malfadada crise e a ideia era aproveitarmos a renda das lojas para finalizar os trabalhos. Certo é que, apesar de as lojas estarem todas por alugar e malgrado os muitos berbicachos criados, não contraímos um único empréstimo”, sublinha Carlos Pacheco, que refere terem sido despendidos “cerca de 250 mil euros, sem ajudas nenhuma, apenas fruto das receitas de caixa, num autêntico sorvedouro de dinheiro. Agora ‘só’ faltam mais 250 mil para a parte de cima... Seja como for, perdi muitos cabelos com este processo, mas durmo todas as noites de consciência tranquila, porque tudo está pago.”



O jovem fadista João Leote tem surpreendido o público

Escola de artes cénicas

"Através das atividades promovidas, funcionamos quase como uma escola de artes cénicas, com preços muito reduzidos e resultados bastante significativos: a nível das danças de salão, já obtivemos vários títulos nacionais, com destaque para Ivo Fonte, sem esquecer a Maria João Martins, o Marcos André ou o Edmundo Inácio, que passaram todos pelas revistas à portuguesa, ganharam asas e voaram para fora; na escola de fado, realce para o João Leote, que este ano desempenha um papel de relevo na revista e que tem 'papado' tudo o que é concursos amadores realizados na região, além do Mário Pacheco, um virtuoso na viola. Mas há outros jovens valores a despontar", enaltece com satisfação.

De resto, não é por acaso que o Boa Esperança integra o seletivo lote de propostas divulgadas na "Rota do Fado - 100 lugares para ouvir cantar o fado de norte a sul de Portugal", publicada há cerca de um ano pela Esfera dos Livros.

"Estamos sempre a atualizar em termos de luz, de som, de tecidos ou de mil e outros detalhes"

Mais que representar

Para além dos atores, é multifacetada a equipa que assegura este ano a revista **"Eles Querem € Fado e Baile"**:

Textos originais/encenação: **Carlos Pacheco**;
 Letrista: **Carlos Pacheco**;
 Composição musical: **Luís Vieira**;
 Coreografia: **Catarina Duarte**;
 Cenografia: **Flávio Vicente**;
 Assistente cenografia: **Cláudio Conceição**;
 Desenho de som/luz: **Nuno Mourinho**;
 Técnico som: **Nuno Mourinho**;
 Técnico luz: **Paulo Vicente**;
 Técnico imagem e efeitos: **David Venâncio**;
 Adereços: **Martinho Horta / André Horta**;
 Guarda-roupa: **Esmeralda Vieira / Mari Antónia / Lina Cardoso**;
 Masterização musical: **Fernando Guerreiro**;
 Captação de imagem: **David Venâncio**;
 Grafismo: **Mariana Brak-Lamy**;
 Direção de atores: **Telma Brazona**;
 Contra regra: **Cláudio Conceição**;
 Assistentes de palco: **Ana Oliveira / Pedro Caixinha**;
 Assistentes técnicos: **Valdemar Silva / José Cercas / Miguel Barroso**;
 Secretariado: **Cátia Rodrigues / Sílvia de Oliveira**.



ANTROPÓLOGO LUÍS QUINTAIS RECEBE GALARDÃO LITERÁRIO

“O Algarve tem notabilíssimos poetas”

Vencedor da quinta edição do ‘Prémio Nacional de Poesia António Ramos Rosa’, pela sua obra “O Vidro”, o poeta Luís Quintais revela o significado que teve para si a distinção atribuída pela Câmara Municipal de Faro. Em entrevista à ‘Algarve Vivo’, o antropólogo fala do amor que o une à escrita e poesia, e revela os seus principais anseios e sonhos.



Luís Quintais aprecia vários poetas algarvios

“Estou a escrever muito lentamente um ensaio que implica a poesia, mas também implica a antropologia e a filosofia e a arquitetura e a arte contemporânea...”

IRINA LOPES

Quando e como nasce o gosto pela escrita?

Cedo. E é uma extensão da leitura. Toda a escrita é interpelação e o que fui fazendo, basicamente, foi responder à interpelação de outros. É evidente que a leitura transforma a nossa perceção do mundo de forma profunda, e é também evidente que escrever é dar testemunho disso.

Que memórias guarda quando recorda os primeiros textos? Com que idade começou a escrever de forma mais regular?

Os primeiros textos, aqueles de que tenho memória, perderam-se, e ainda bem. Creio que foi por volta dos vinte anos que percebi que a minha vocação era fundamentalmente literária. Ainda hoje o acho, apesar dos desvios.

A paixão pela escrita acontece por influência de alguém? Familiar, professor...?

A paixão pela leitura, sim. Família. Em particular, o meu pai e um irmão dele, meu tio, que eram pessoas cultas, que me trouxeram livros. O resto é expressão e vontade interior, declinação profunda

pela escrita, como meio de expressão. Tentei sempre outras coisas (música, fotografia, cinema), mas sem resultados que me motivassem por aí além, ainda que continue a dizer, por exemplo, que serei sempre um músico frustrado.

Nasceu em Angola. Em criança era bom aluno no que toca às letras?

Sim, era muito bom em letras (na escola secundária), e muito mau em ciências. Seja como for, continuo a interessar-me muito por ciência. Aliás, a antropologia (que ensino e que é a minha área fundamental de investigação, mesmo que às vezes não pareça), é uma disciplina curiosa, pois cruza a literatura com a ciência de uma forma evidente.

Foi, recentemente, distinguido com o ‘Prémio Nacional de Poesia António Ramos Rosa’, pelo seu livro “O Vidro” (Assírio & Alvim, 2014). Qual a sua primeira reação?

Não escrevo para receber prémios. Este tem um sabor especial, pois tem o nome de um poeta notável que me fez companhia muito

cedo, como tive a oportunidade de dizer na cerimónia de recebimento do prémio.

Que significado tem para si este prémio?

Acho que a resposta anterior vai ao coração da pergunta. Ramos Rosa é um poeta que tem muito a ver com o que faço. Era alguém que entendia a poesia como uma discussão sobre a... poesia! Uma meta-poesia, pois. Uma discussão sobre o mistério da linguagem no seu enlace entre imaginação e realidade. Algo que está do lado de Wallace Stevens, poeta muito importante para mim também, como é conhecido.

Ficou surpreso com a distinção?

Reconheço-o. Não me acho muito premiável, se for permitida a expressão. O que faço exige muito de quem lê, o que afasta prémios e prendas. Mas este prémio, para lá do nome de António Ramos Rosa, tinha um júri exigente.

Como definiria o processo criativo de 'O Vidro'?

É um poema-contínuo. Foi escrito de um sopro. É o livro mais orgânico que escrevi. Uma voz que surge e que me habitou longamente e a qual, quero crer, fiz justiça. Depois eclipsou-se para não voltar nunca mais. Esse é um dos grandes mistérios e uma das maiores singularidades do processo criativo que está subjacente a este livro.

Já decidiu o destino do prémio?

O dinheiro do prémio? Esse vai para onde vai quase todo o dinheiro que recebo. Para ajudar a família. Quem tem quatro filhos não pode fazer de outro modo, pois é sempre uma preocupação: a falta de dinheiro ou a possibilidade disso acontecer. Vida difícil, como quase todas as que conheço.

O prémio é da responsabilidade da Câmara Municipal de Faro. Tem ligações ao Algarve? Quais?

Não, não tenho. A não ser através da literatura e de alguns amigos. Penso que só passei férias uma vez na região.

Do que mais gosta no Algarve em termos de gastronomia, cidades ou cultura?

Penso que isso é tudo importante. Gostaria de descobrir mais, mas infelizmente nem sempre tenho tido a oportunidade.

Costuma visitar a região? Que localidade mais aprecia e porquê?

As respostas anteriores já são suficientes para dar uma noção do meu desconhecimento... que espero vir a colmatar.

Tem alguma recordação mais presente de uma viagem, passeio ou experiência vividos no Algarve?

Há uns anos fiz uma visita à região. Confesso que fiquei um bocado surpreendido com o facto de a costa algarvia se apresentar tão de-

gradada e densamente urbanizada. É possível que as coisas agora estejam diferentes, para melhor. Espero bem que sim.

Segue o trabalho artístico de algum poeta ou escritor algarvio?

Gosto de vários. De Ramos Rosa a Nuno Júdice, passando por Gastão Cruz (que fez parte do júri que me atribuiu o prémio), o Algarve tem notabilíssimos poetas.

A região já o inspirou nos seus momentos de escrita?

A poesia dos poetas citados sempre me inspirou muitíssimo.

Como poeta, publicou "A Imprecisa Melancolia" (1995), "Lamento" (1999), "Umbria" (1999), "Verso Antigo" (2001), "Angst" (2002) e "Duelo" (2004), obra a que foram atribuídos o 'Prémio Pen Clube de Poesia' e o 'Prémio Luís Miguel Nava - Poesia 2005'. O que sente ao ser reconhecido como "uma das vozes mais sólidas da poesia portuguesa"?

Espero estar à altura de tamanho elogio.

O que mais o motiva e apaixona na arte de escrever?

O mistério de não se saber do que se trata. De só se saber caminhando, isto é, escrevendo.

Na sua opinião, o que é mais difícil no ofício de ser-se poeta?

Suspender a descrença e continuar a caminhar, é a coisa mais difícil de fazer. Também porque não depende inteiramente de mim.

Está dedicado a alguma nova obra? Que realidades e temas pretende abordar?

Não tenho escrito muito. Vivo sempre no terror de um dia isso deixar de ser. Estou a escrever muito lentamente um ensaio que implica a poesia, mas também implica a antropologia e a filosofia e a arquitetura e a arte contemporânea... Coisa um pouco louca, e ainda bem. Mas confesso que não estou a conseguir avançar, por razões que se prendem com a minha vida familiar e profissional, as quais são, como se deve imaginar, muito exigentes.

Trabalha também como antropólogo. O que o inspira nesta profissão?

O que eu gosto mais na antropologia é o facto de se tratar de uma ciência das qualidades. Uma ciência qualitativa, pois, e não uma ciência obcecada com números e medidas. Pelo menos, a minha versão da coisa, que é - descontadas algumas incursões em territórios que me são alheios - fundamentalmente interpretativa.

Quais são os seus principais sonhos no campo profissional que espera realizar neste ano?

Sobreviver à universidade portuguesa, onde a única coisa que conta, hoje, é corresponder a métricas e quantidades.



**FOTU
EDUARDO**
FOTOGRAFIA E VÍDEO PROFISSIONAL

961 933 775 | 917 239 877 | eduardo.reportagem@gmail.com

PRODUTOS NATURAIS NA ORIGEM

Olhão é a terra dos sabonetes artesanais

A marca 'Árvore do Sabão' existe desde 2012. Desde, então, faz as delícias de curiosos, turistas e apaixonados por sabão artesanal. À 'Algarve Vivo', a mentora do projeto, Clara Nogueira, conta como nasceu a ideia e revela os principais objetivos a atingir.



IRINA LOPES

●●● A tradição já não é o que era. E ainda bem. O sabão já não se faz só de azul e branco. Faz-se, agora e cada vez mais, de múltiplas cores, feitios e aromas. A 'Árvore do Sabão', a funcionar na cidade de Olhão, é disso exemplo. A marca "existe desde 2012, mas foi oficialmente registada em março de 2013."

Embalada pela alegria da maternidade, Clara Nogueira, mentora responsável pelo nascimento da marca, fez nascer o negócio que é hoje a sua prin-

cipal atividade profissional: saboaria e cosmética artesanal.

"A ideia de desenvolver este projeto surgiu após o nascimento do meu segundo filho. A procura por produtos naturais, sem químicos para a higiene pessoal do bebé e restante família, levou-me a iniciar algumas pesquisas, que passaram a experiências, depois por ofertas a amigos e familiares. Houve uma opinião muito positiva, ao mesmo tempo que incentivavam a continuar e eventualmente a

criar um negócio", lembra em conversa com a Algarve Vivo.

Na altura com 38 anos e tendo formação em hotelaria, Clara conta que se rendeu cedo à produção de sabões. Muito por causa do contato que teve com este ramo, quando viveu no estrangeiro. "Não tinha qualquer ligação à produção de sabões, (como eu os chamo), mas vivi alguns anos no Canadá, país onde existem muitos produtores artesanais. O bichinho do sabão veio comigo e o fascínio

de produzir algo natural e rústico, também!", destaca.

Produção multifacetada

Falar da 'Árvore do Sabão' é falar de pluralidade. Isto, porque a marca algarvia dispõe para venda desde sabão de sal, de rosas ou de rosa mosqueta a bálsamos labiais, 'lipgloss' natural e também leites de limpeza. A variedade não se fica por aqui: "Os produtos de que disponho para venda vão desde os sabões aos bálsamos curativos e hidratan-



A *Árvore do Sabão* recorre a ervas e materiais originais

tes, cremes faciais e corporais, repelentes, óleos corporais, velas de massagem, velas de cera de soja, 'after-shave', sabão para barbear, entre outros...”, pormenoriza a responsável.

Através da fabricação pelo processo a frio, Clara Nogueira obtém sabões que resultam da mistura de ervas e materiais originais. Muitos destes dizem respeito a relíquias locais e típicas. “As ervas e materiais que uso para abrillantar os meus sabões são ervas, flores e frutas encontradas na região do Algarve. Entre elas, o tomilho, a salva, o louro, a esteva, o medronho, a malva, pétalas de rosa, a laranja, o mel e - como não podia deixar de ser - o nosso azeite, entre outros... Todos saem com uma decoração alusiva ao produto.” Os mais procurados são “os sabões, incluindo o champô em barra, os cremes corporais e faciais, os bálsamos curativos e os bálsamos labiais”, conta.

Para Clara Nogueira, tornaram-se óbvios, desde o primeiro momento, os valores que queria imprimir à marca. “O conceito é o da defesa dos métodos artesanais que nascem dos ingredientes que a natureza nos oferece, como os aromas da canela, alfazema, laranja, hortelã, salva, tomilho, limão... Criar sabões com benefícios para a saúde, idealizar um produto natural com espuma biodegradável, sem conservantes nem an-

tioxidantes sintéticos. Sempre pensando na Mãe Terra!”

“Até sonhava com sabão”

Única responsável por assegurar a produção e comercialização dos produtos, Clara Nogueira diz que a arte de fazer sabão é uma grande paixão. Dedica-se a todas as etapas de produção com muito prazer. “Nos primeiros tempos até sonhava com sabão! A criatividade está sempre a trabalhar, o fazer um novo lote de sabão e ver como sai, olhar para o produto final e adorar, é o pensar na quantidade de sabão que já fiz e que significa essa mesma quantidade a menos em químicos que as pessoas usaram. Tive muita dificuldade em chegar aqui, estou longe de saber tudo, mas não vou desistir! Tudo somado dá muito gozo.”

No entanto, admite que nem tudo é um mar de rosas: “O mais difícil de gerir neste negócio é todo o tempo de espera até que surja um sabão, um processo muito demorado. Tenho sempre que produzir em quantidade para poder atender aos eventos para que sou solicitada e aos que eu entendo expor os meus produtos.”

Com preços a variar entre os 5 e os 15 euros, a marca algarvia tem como cliente tipo “aquele que se preocupa em usar um produto natural com benefício para a saúde e que preza o meio ambiente.”

Através da fabricação pelo processo a frio, Clara Nogueira obtém sabões que resultam da mistura de ervas e materiais originais.



Clara Nogueira orgulha-se da sua marca

“Haverá sempre novidades”

Ainda sem loja aberta - “quem sabe, talvez um dia...” - e só a funcionar através da página de Facebook www.facebook.com/ArvoreDoSabao, Clara Nogueira refere que este negócio “dá muito trabalho para ser sustentável, mas tem os seus momentos.”

De olhos postos no futuro, a empresária algarvia assume uma só ambição: “Tenho imensos produtos, sou sozinha a fazê-los, tenho sempre ideias novas, mas temos de ir com calma. Prometo, no entanto, que haverá sempre uma ou outra novidade.”

JOVEM GÊNIO ALGARVIO OBTÉVE VÁRIOS TÍTULOS INTERNACIONAIS

David de Andrade

o jovem prodígio da matemática

Aos 16 anos, David de Andrade é (re)conhecido como o 'ás' da matemática. À Algarve Vivo, o estudante albufeirense, que já chegou a conquistar medalha de ouro nas Olimpíadas da disciplina, revela os segredos do seu êxito, os sacrifícios e os sonhos que ambiciona concretizar.



David Andrade (terceiro a contar da esquerda) com colegas, após mais uma prova internacional

IRINA LOPES

David Miguel Morais de Andrade – nascido a 29 de janeiro de 1999, em Faro – tinha apenas seis anos quando se sagrou, pela primeira vez, vencedor de um concurso de Olimpíadas da Matemática. “No 6º ano, decidi participar nas Olimpíadas Concelhias do Algarve em Matemática. Apesar de terem como público-alvo os alunos do 3º ciclo (7º, 8º e 9º anos) e de os problemas dessa competição

abarcarem conteúdos desses anos, pedi uma autorização especial à escola para participar, a qual foi logo concedida. Consegui, contra todas as expectativas, ficar em 1º lugar a nível de escola (na altura, frequentava a EB 2,3 Dr. Francisco Cabrita, em Albufeira) e chegar à final da Zona Centro do Algarve e, a partir daí, atingir a finalíssima, que teve lugar no Campus das Gambelas da UAlg”, recorda o

estudante à Algarve Vivo.

Aluno do 12º ano do curso de Ciências e Tecnologias na Escola Secundária Dra. Laura Ayres, em Quarteira, David de Andrade conta que o gosto e interesse pela matemática surgiu quando era ainda um menino. “Desde pequeno, sou uma pessoa bastante curiosa em geral, não só em relação à matemática, mas também a tudo o que estivesse à minha volta e que envolvesse

algum tipo de raciocínio. Desta forma, o gosto pela matemática nasceu como aquele que tenho por outras áreas, como a química ou as línguas: pelo desejo de saber”, frisa.

Dom para resolver cálculos

Aos 16 anos, David de Andrade é um inigualável ‘ás’ da matemática. Graças ao seu dom para resolver cálculos, o jovem algarvio tem levado o nome de Al-

bufeira e as cores da bandeira portuguesa além-fronteiras. A sua mais recente vitória foi a conquista da medalha de bronze nas Olimpíadas Iberoamericanas de Matemática 2015, realizadas na cidade de Mayagüez, em Porto Rico. “Foi uma competição bastante renhida e as pontuações para conseguir uma medalha eram bastante altas. De facto, oito dos participantes conseguiram resolver completamente a prova sem quaisquer erros nas resoluções, o que demonstra a dificuldade em conseguir arrecadar uma medalha. Fiquei a 2 pontos da medalha de prata, pelo que fiquei contentíssimo com o resultado obtido”, lembra.

No banco da escola, David deu, desde logo, provas de que seria um aluno de distinção. “Tenho alcançado notas consideravelmente altas ao longo de toda a minha vida enquanto estudante dos ensinós básico e secundário. Que tenha assim mais presente na minha mente... Talvez as notas dos exames nacionais, no 11º ano: tive 20 valores no de Física e Química A, 19,8 no de Geometria Descritiva A e 19,5 no de Filosofia.”

Vencedor de vários concursos de Olimpíadas da Matemática, David conta que tem cuidados especiais para enfrentar as provas. “Dormir cedo, sempre! Mesmo em dias antes de aulas, porque fico com ‘pancadas de sono’ se não dormir as oito horinhas”, revela. Ginastacar o cérebro é algo que faz com regularidade para estar “sempre em forma”. “Resolvo muitos problemas em casa, de provas anteriores. Tento também conviver com outros olímpicos para trocar algumas impressões (é uma ótima maneira de aprender e ensinar) e procuro aumentar o meu leque de conhecimento ao estudar novos tópicos de matemática”, confidencia.

As vitórias e o sucesso que tem conquistado, defende, são o fruto de “muito trabalho e sorte”. “É óbvio que não podemos garantir que todos tenham o mesmo grau de conforto com os problemas apresentados. Primeiro, porque há participantes mais experientes do que outros e segundo, porque cada um tem a sua ‘área de conforto’ e, por isso, pode sair sortudo ou azarado com os problemas apresentados. Saber controlar os nervos também é fundamental. O meu bom caminho deve-se à conjugação destes três fatores: capacidade/experiência, sorte



“O meu bom caminho deve-se à conjugação destes três fatores: capacidade/experiência, sorte e calma.”

O jovem algarvio aprecia várias áreas do saber

e calma.”

Esteja a competir em Portugal ou no estrangeiro, o estudante conta sempre com o total apoio e carinho dos familiares. “A família apoia-me no que pode. Há que dar um especial destaque aos meus pais, obviamente, que perdem tempo com tudo o necessário para que as coisas corram bem.”

Entre outras vitórias, David de Andrade assume que conquistar a medalha de ouro das Olimpíadas da Matemática da Comunidade de Países de Língua Portuguesa teve “um significado inexplicável”. “As minhas pernas estavam a tremer enquanto subia ao palco para receber a medalha. Apesar de eu não ter sido o único a ganhar uma medalha de ouro, fui o vencedor absoluto, ou seja, o participante que obteve a pontuação mais alta entre todos”, esclarece.

Sem rodeios, o jovem algarvio admite que é com enorme prazer e orgulho que tem levado o nome de Albufeira além-fronteiras. “Gosto imenso de realçar o facto de ser albufeirense enquanto contacto com outras pessoas em contexto olímpico. Isto para poder mostrar a Portugal (e, de certa

forma, ao mundo) que Albufeira (e, num sentido mais lato, o Algarve) não é apenas “praia, discoteca, bom tempo; praia, discoteca e bom tempo.”

David de Andrade confidencia que não decidiu ainda se o seu futuro profissional terá ou não ligação aos números. “Se a pergunta tivesse sido feita há alguns anos, eu responderia imediatamente ‘matemático ou professor de matemática’. Hoje em dia, já estou com o pé atrás e não consigo realmente apontar uma profissão concreta, visto que sou uma pessoa bastante versátil, gosto imenso de muitas áreas do saber (algumas delas bastante diferentes) e a decisão que tomar irá influenciar a minha vida para sempre.”

Também confessa uma ambição especial: “Quero ser selecionado para as Olimpíadas Internacionais de Matemática e para as Olimpíadas Internacionais de Química, assim como continuar com os bons resultados em termos académicos”. Quanto ao maior sonho, esse é “ser feliz - todos os meus objetivos desaguam para este meu desejo superior.”

Cinema e poesia enriquecem propostas musicais do MED 2016

O programa completo da 13ª edição do Festival MED, que de 30 de junho a 3 de julho animará a zona histórica de Loulé, apresenta algumas novidades de registo.



Dona Onete, Emicida e Capicua são destaques do diversificado cartaz

●●● O alinhamento do MED 2016 continua a apostar na qualidade e diversidade artística, com nomes consolidados da cena internacional da World Music e artistas-revelação, mantendo-se a música nacional bem presente.

Neste ano, estão previstas mais de 75 horas de música, 55 concertos, 250 músicos de 18 nacionalidades diferentes, alguns dos quais estreias absolutas em Portugal, a saber: Shantel & The Bucovina Club Orkestar (Alemanha), Selma Uamusse (Moçambique), Dubioza Kolektiv (Bósnia e Herzegovina), Tinariwen (Mali), Emicida (Brasil), Hindi Zahra (Marrocos/França), Alo Wala (Dinamarca/Noruega/Estados Unidos), Ana Tijoux (Chile), António Zambujo, Capicua, Aldina Duarte, Isaura, Fandango, Marafona e Rocky Marsiano (Portugal), Mbongwana Star (Congo), Danakil (França), Moh! Kouyaté (Guiné-Conacri), Blick Bassy (Camarões) e Chico Correa (Brasil), Sonido Gallo Negro (México), Dona Onete (Brasil) e Otava Yo (Rússia).

Para além dos três palcos principais - Matriz, Cerca e Castelo -, a música vai estar ainda nos palcos Bica, com concertos alternativos por artistas oriundos da região algarvia, sob programação da Casa da Cultura de Loulé, enquanto no Arco, colocado

no meio da zona de restauração, haverá espetáculos de 'one man show', ao passo que no MED Classic, no interior da Igreja Matriz de Loulé, decorrerão concertos para os amantes da música clássica e no MED Fado, montado nos Claustros do Convento Espírito Santo, realizar-se-ão atuações da chamada 'canção nacional', com uma forte aposta nos valores algarvios. Já no Jardim dos Amuados, dominarão a música e dança tradicional do Sudão, Síria, Guiné Conacri e Marrocos.

Mais do que música

Para além do programa musical, o evento conta com outras vertentes culturais no seu programa. Este ano, a par das exposições, teatro, animação ou gastronomia, o MED promove o Ciclo de Cinema do Mundo. Entre 26 e 28 de junho, está prevista a apresentação de três sessões com produções cinematográficas de vários países, em locais inusitados.

Também a poesia irá marcar este ano presença no Festival, no espaço Fado, com a declamação de vários poemas de autores dos países presentes.

"Queremos proporcionar às pessoas experiências, e como o MED é feito de várias

valências, este ano vamos implementar algumas novidades", realça Carlos Carmo, coordenador do certame. Por isso mesmo, haverá ainda uma programação alternativa, denominada Off MED, que pretende proporcionar um programa paralelo.

Portuguese Summer Festivals

A propósito, o MED Loulé foi integrado na plataforma Portuguese Summer Festivals criada pelo Turismo de Portugal e da qual fazem parte apenas oito festivais de música do país, com o objetivo de promover este conjunto de festivais no estrangeiro. "Somos o único festival organizado por uma autarquia que está presente nesta plataforma, ao lado do Rock in Rio, do NOS Alive ou do Super Bock Super Rock, isto é, ao lado dos 'grandes tubarões', o que muito nos orgulha e premeia o trabalho desenvolvido", considera o autarca.

Os bilhetes estão disponíveis online em diversos pontos de venda, com os seguintes preços: Diário - 10 euros, Festival (acesso aos três dias) - 25 euros e Diário Família (dois adultos e duas crianças até 16 anos) - 25 euros.

Toda a informação em www.facebook.com/festivalmedloule ou em www.cm-loule.pt.

BON BON Restaurante

AO SABOR DO REQUINTE E DA ORIGINALIDADE

facebook/bonbonrestaurant

Urb. das Sesmarias

282 341 496

962 441 493



restaurante

**PIMENTA
PRETA**

HARMONIA DE SABORES



PESTANA PALM GARDENS

VALE CENTEANES

PRAIA DO CARVOEIRO

FACEBOOK/PIMENTAPRETA

TEL: 282 250 281 | 962 441 493

PROJETO DO INSTITUTO DA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

Linces-ibéricos feridos ou doentes são recuperados em Silves

No Centro Nacional de Reprodução do Lince Ibérico, inaugurado há sete anos na zona de Odelouca e único existente no país, já nasceram 85 bichos, tendo 62 sobrevivido até à idade adulta.



JOSÉ MANUEL OLIVEIRA

●●● O Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), conjuntamente com outros parceiros, está a desenvolver um projeto para ampliar o Centro Nacional de Reprodução de Lince Ibérico (CNRLI), que se estende neste momento ao longo de 18 hectares vedados na Herdade das Santinhas, zona de Odelouca, no interior do concelho de Silves. Em entrevista a Algarve Vivo, o diretor Rodrigo Serra garante que a reprodução em cativeiro e a preparação de ninhadas para repovoar Portugal e Espanha já foram atingidas.

A aposta visa “poder criar melhores condições para trei-

nar mais linces para os projetos de reintrodução e para recuperar linces-ibéricos que sejam recolhidos feridos ou doentes em Portugal, com a intenção de os devolver em boas condições ao meio natural”, revela à nossa revista.

Todos os dias do ano

Inaugurado a 22 de maio de 2009, o CNTLI de Silves (único centro de reprodução de lince-ibérico em Portugal), recebeu os primeiros 16 animais entre 26 de outubro e 1 de dezembro desse ano. Aqui trabalham 17 técnicos e quatro seguranças durante 24 horas por dia e 365 dias por ano. “A maior dificulda-

de com que os técnicos que trabalham no CNRLI se deparam no seu dia-a-dia é a distância a que este Centro está situado relativamente a povoações ou aglomerados urbanos e aos respetivos habitantes e serviços, bem como a distância em relação às suas próprias residências e o facto de não ser servido por rede de transportes públicos. A escolha do local foi determinada pela necessidade de ficar numa zona com absoluta tranquilidade para os animais terem a menor perturbação possível”, sublinha Rodrigo Serra.

Contudo, reconhece, “re-

presenta uma dificuldade económica importante. Por outro lado, a necessidade de cobertura 24 horas por dia, 365 dias por ano, obriga a uma disponibilidade muito grande por parte dos técnicos, o que origina dificuldades e restrições na sua vida pessoal. Trabalhar nestas condições não é, claramente, para todos.”

Resultados positivos e riscos

Nos primeiros seis anos de operação, já nasceram no CNRLI 85 linces-ibéricos, dos quais 62 sobreviveram até à idade adulta. O número de crias nascidas anualmente é variável. Depende de quantas fêmeas são emparelhadas por ano e da



Voluntários precisam-se

Neste momento, há um apelo à adesão de voluntários, que o diretor Rodrigo Serra explica: “O programa de voluntariado é uma forma de abrir este centro à sociedade, ajudando a formar estudantes e promovendo o desenvolvimento de estágios e teses de mestrado e de pós-graduação. Os candidatos devem ficar um mínimo de três meses”. Sobre a ação a desenvolver, adianta: “Os voluntários juntam-se à equipa de videovigilância, onde estudam o comportamento dos lince e os aspetos de gestão técnica. Participam também em capturas e transportes. Devem ter, ou estar a fazer, cursos relacionados com as ciências da vida, sejam técnico-profissionais ou superiores.”

quantidade de crias que tem cada uma.

“As mães amamentam as crias durante períodos variáveis até que as crias estejam totalmente desmamadas e a partir dessa altura apenas comem coelho vivo, a sua presa principal. Se ficam em cativeiro e não têm como destino a reintrodução, comem também carne de coelho e de aves, adquiridas em talho”, refere Rodrigo Serra. Uma cria recém-nascida pesa cerca de 190 gramas. Já um lince adulto em cativeiro pode oscilar entre oito e 15 kgs., dependendo do sexo e do seu tamanho. Estes animais podem atingir 20 anos em cativeiro e

cerca de 13 em meio selvagem.

Sobre os riscos, o diretor do centro esclarece: “Em cativeiro, os maiores riscos vêm do período neonatal, logo a seguir ao parto, em que as crias podem morrer com mais facilidade devido a infeções. Depois, a fase de lutas entre crias pode resultar em ferimentos graves e até em morte, o que por sorte ainda não aconteceu no CNRLI. Outros riscos são a habituação a pessoas e a entrada de doenças infecciosas, razão pela qual este Centro não é visitável.”

O ICNF não tem previsto, a curto e médio prazo, a construção de novos centros de reprodução de lince-ibérico.

Cantinho da Ciência

JOÃO LOURENÇO MONTEIRO BIÓLOGO



As notícias sobre o glifosato ... e os seus enganços.

No final de abril foi dada a notícia de que o glifosato, um herbicida, foi detetado em elevadíssimas concentrações no organismo dos portugueses. Esta notícia resultou de um “estudo” elaborado pela “Plataforma Transgénicos Fora” (PTF), um grupo de interesse anti-transgénicos cujo website tem apresentado resultados duvidosos e sensacionalistas. Como já vem sendo hábito nos seus comunicados sobre o tema, faz um apelo ao medo, alertando para o perigo de cancro – ao qual junta habitualmente imagens de caveiras para assustar ainda mais.

Acontece que o estudo em questão apresenta vários erros metodológicos e baseia-se em interpretações erróneas. Tudo isto junto, leva-nos a duvidar das conclusões dessa pesquisa. Tentarei ser breve. Em primeiro lugar, o glifosato não é um produto, como normalmente se pensa, mas uma molécula, entre muitas, que entra na constituição de várias substâncias herbicidas. Esta molécula foi inicialmente sintetizada pela empresa Monsanto que já perdeu a posse da patente em 2000, sendo que atualmente o produto pode ser, e é, comercializado por inúmeras empresas.

Em segundo lugar, a amostragem é extremamente pequena – apenas 26 portugueses. Deste reduzido número não se podem obter conclusões estatísticas porque menos de 30 pessoas não refletem uma população superior a 10 milhões de habitantes (um erro que nem um aluno de licenciatura deve cometer). Depois, não indicam o contexto das pessoas analisadas e os seus hábitos, ou seja, ficamos sem saber de onde vem a sua exposição ao herbicida (da alimentação, do uso profissional, ou outro, ingerido, inalado ou por contacto?) e da duração de exposição (outro erro). Comparam o incomparável, comparando a concentração encontrada na urina com a que a lei permite que exista na água da torneira, ou comparando populações diferentes com hábitos diferentes. Não chegam a indicar os valores seguros para o corpo humano, esquecendo-se que o que faz um veneno é a dose.

Em terceiro lugar, baseiam-se num relatório da IARC, a Agência Internacional para a Investigação do Cancro, para dar a entender que o produto é cancerígeno. Esta agência, apesar do trabalho meritório, tem sido um exemplo de péssima comunicação por ser incapaz de explicar os seus resultados (lembremo-nos da polémica que relacionava carnes processadas com cancro). O que os relatórios desta agência indicam é se existe ou não informação científica para dizer se uma determinada substância é carcinogénica (como o café, os vinhos ou as lareiras), e praticamente todas analisadas são (não menciona em que dose). Mas isto, por si só, não nos indica nada. O que nos interessa saber é o risco dessa substância, ou seja, qual a probabilidade da exposição dar origem a um cancro. E isso é algo que estes relatórios não indicam – porque não é a sua função.

Estes são apenas alguns pontos que espero que sirvam para esclarecer este caso.

Declaração de interesses

Porque, quando se aborda este tema, surgem logo acusações de ser financiado pelas indústrias, até me presto a uma voluntária declaração de interesses. Sou investigador financiado com dinheiro públicos, nunca trabalhei para a indústria química nem biotecnológica. No que toca a polémicas relacionadas com ciência, oriento-me pela melhor evidência existente até ao momento.

*jmonteiro@comcept.org

EXPOSIÇÃO PERCORREU TODA A REGIÃO ALGARVIA

Museus evocaram **pioneiros do conhecimento científico**

Durante cerca de um ano, os espaços museológicos algarvios, de barlavento a sotavento, homenagearam um grupo de investigadores que desbravou fronteiras, nas mais variadas áreas da ciência e da investigação.



A mostra percorreu diversos espaços museológicos

De lés-a-lés

A Rede de Museus do Algarve é composta pelas seguintes entidades: Câmara Municipal de Vila do Bispo; Museu Municipal de Loulé; Museu do Trajo de São Brás de Alportel; Museu Municipal Dr. José Formosinho (Lagos); Museu de Portimão; Museu da Cidade de Olhão; Câmara Municipal de Lagoa; Museu Municipal de Tavira; Museu Municipal de Arqueologia de Silves; Museu Municipal de Alcoutim; Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira; Câmara Municipal de Castro Marim; Museu Marítimo Almirante Ramalho Ortigão (Faro); Museu Municipal de Vila Real de Santo António; Museu Municipal de Faro; Centro de Ciência Viva de Tavira; Centro de Ciência Viva do Algarve; Parque Natural da Ria Formosa; Câmara Municipal de Aljezur; e Direção Regional de Cultura do Algarve.

Aguardam-se para um futuro muito próximo novos projetos de partilha e maximização do capital humano e dos meios desta Rede, pioneira a nível nacional.

●●● A interessante exposição “Pioneiros do conhecimento científico do Algarve”, produzida conjuntamente por dez equipamentos culturais pertencentes à Rede de Museus do Algarve, esteve em itinerância por toda a região entre abril de 2014 e abril do ano passado, atraindo a curiosidade de largos milhares de pessoas, com especial destaque para a comunidade escolar.

A mostra reuniu 11 figuras com legados relevantes para o conhecimento científico do extremo sul português, cuja atividade se revestiu de dois aspetos muito significativos e que estiveram diretamente

relacionados entre si, ou seja, a época em que se verificou a sua ação e os enormes condicionamentos e incompreensões que enfrentaram.

Com efeito, a conjugação de sinergias museológicas, que já tivera um antecedente na exposição comum “Algarve – Do reino à região”, incidiu sobre um grupo de intelectuais que, entre o último quartel do séc. XIX e meados do século XX, procurou esclarecer e fundamentar os contornos da identidade do país, através do estudo da cultura popular.

‘Coisas do povo’

O leque de personalidades

apresentadas abarcou de José Sande Vasconcelos a Estácio da Veiga, passando por José Leite de Vasconcelos, Santos Rocha, Ataíde Oliveira, José Formosinho, Estanco Louro, João Grade e os padres Manuel Madeira Clemente, Nunes da Glória e Semedo de Azevedo, que se debruçaram sobre as comunidades locais. Os muitos visitantes tiveram, assim, ensejo de perceber a forma pioneira como os homenageados estudaram e registaram a paisagem social e cultural do Algarve, desde finais do século XVIII a meados do século XX.

Homens do seu tempo, muitos desses precursores, inte-

ressados nas ‘coisas do povo’, destacaram-se no panorama do fim do século XIX e inícios do século XX, período que se caracterizou pela crescente multiplicação de investigadores locais, expresso na proliferação de estudiosos, de trabalhos de âmbito regional e de museus. Todos eles, de uma forma ou de outra, podem ser considerados fruto da abertura do país para o tipo de matérias científicas em que se especializaram, na sequência da convulsão republicana, verificada após o derube da monarquia, e que despertou o interesse para áreas até então ignoradas, como a arqueologia ou a antropologia.

CONTRIBUTOS PARA A HISTÓRIA DOS ESTÚDIOS NO ALGARVE

Livros revisitam passado de Portimão através de fotos

Foram lançadas em maio último duas obras sobre fotógrafos cuja atividade decorreu essencialmente em Portimão, ambas procurando evitar que certas memórias se apaguem ou desvirtuem e para garantir que o passado possa ser revisitado.

TEXTO: MANUEL CABRITA | FOTO: JOÃO FIGUEIRAS

Os livros, intitulados “Fonseca Dias (1874-1959), Fotógrafo de Vila Nova de Portimão” e “Francisco Oliveira, um Fotógrafo de Portimão”, têm ambos a assinatura de Carlos Osório e a chancela da Arandis, na esteira dos trabalhos publicados até agora por esta editora algarvia e que visam aprofundar o conhecimento histórico da região. Segundo Carlos Osório, as obras “estão longe de constituir estudos sobre fotógrafos ou uma abordagem histórica sobre imagens. Talvez possam ser consideradas modestos contributos para a história dos estúdios fotográficos no Algarve e a sua publicação serve, sobretudo, para evitar que certas memórias de uma comunidade e de um território se apaguem ou desvirtuem. Com elas, também procuro garantir que um passado, do qual nos afastamos rapidamente, seja ‘revisitável’ e possa ser melhor compreendido pelos que virão a seguir”.

No que toca à edição sobre Fonseca Dias, o autor quis fazer “uma breve contextualização da sua época e contribuir parcelarmente para o conhecimento mais vasto do desenvolvimento da fotografia no Algarve. Procuo com este pequeno livro impedir que, à semelhança dos famosos ‘três ursos’ da Praia da Rocha, ele fique esquecido sob as areias do tempo.” Considera ainda que o evocado “não foi um repórter fotográfico, no sentido jornalístico do termo, mas talvez tenha sido admirador de Benoliel e nele se tenha inspirado quando fotografou batalhas de flores, os pescadores em Alvor, os trabalhadores da

via-férrea ou as operárias conserveiras na Mexilhoeira da Carregação e que, à semelhança do mestre fotojornalista, tivesse como objetivo deixar registo do quotidiano, do evento histórico, da crónica de costumes”, refere.

Recuperar memórias fragmentadas

Quanto a Francisco Oliveira, “para além de dar a conhecer fases relevantes do seu percurso de vida, a par de uma abordagem organizada de algumas das fotografias que realizou fora do seu estúdio, em reportagem e por prazer pessoal, numa cidade que escolheu para viver uma vida inteira constitui a sua finalidade”, o investigador assume que esta é “uma fotobiografia autorizada de um amigo que a pode conhecer criticamente e, como tal, não se apresenta completa e encerrada”.

Carlos Osório considera que Francisco Oliveira, atualmente com 98 anos, “é o mais antigo fotógrafo de estúdio do Algarve, o qual durante cerca de 50 anos realizou milhares de reportagens de casamentos e batizados, festas e cerimónias, inaugurações, recebeu inúmeros clientes para simples retrato de estúdio e igualmente registou as ruas da cidade, as suas praias, as trabalhadoras da indústria conserveira, os pescadores na sua faina, os veraneantes nas praias, os seus edifícios e as suas ruínas”.

Para o editor Nuno Campos Inácio, “como não poderia deixar de ser, as duas obras têm como conteúdo principal as fotografias tiradas por estes magníficos fo-



tógrafos, sendo apresentados vários trabalhos nunca antes publicados em formato de livro, que enriquecem bastante o conhecimento histórico da cidade de Portimão”. Ambas as edições tiveram o patrocínio da Direção Regional de Cultura do Algarve e da Junta de Freguesia de Portimão, além do apoio do Município de Portimão.



Carlos Osório abraçado a Francisco Oliveira

O autor

Carlos Alberto Osório nasceu em Angola, em 1963. Vive em Portimão há vários anos, é licenciado em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade de Coimbra, concluiu uma pós-graduação em Multimédia Educacional na Universidade de Aveiro e é mestre em Produção, Edição e Comunicação de Conteúdos Multimédia.

Pertence ao quadro docente da Escola Secundária Poeta António Aleixo, onde exerce funções letivas, e desenvolve investigação na área da imagem fotográfica na região do Algarve.

35ª. CONCENTRAÇÃO INTERNACIONAL DE MOTOS DE FARO

Mais de 20 mil inscrições mesmo em tempo de crise

José Amaro, presidente do Moto Clube de Faro, organizador da 35ª. Concentração Internacional de Motos de Faro, diz que as obras na EN 125 constituem um problema acrescido para os participantes e apela ao "máximo cuidado".



JOSÉ MANUEL OLIVEIRA

●●● A edição deste ano da já carismática concentração algarvia, a realizar de 14 a 17 de julho, a partir do sítio de Vale das Almas, poderá contar com mais de 20 mil inscrições, o que corresponderá a um acréscimo em relação ao ano passado, quando atingiu as 15 mil. "Estamos a perspetivar um aumento do número de inscrições, na ordem das 20 mil. Para os tempos que correm, poderemos considerar um bom número. Esperamos que nestes 35 anos sem interrupções, a assinalar em 2016, reconheçam o nosso esforço", diz à revista Algarve Vivo o presidente da direção do Moto Clube de Faro, José Amaro, entidade organizadora do evento. A exemplo de outros anos, portugueses, espanhóis e ingleses estarão em maior número, além de 'motards' provenientes da Irlanda e da Alemanha, que exibirão as suas Honda, Kawasaki, Suzuki, Yamaha, Aprilia, BMW,

PHarley-Davidson, Peugeot ou Indian, entre inúmeros modelos. O preço de cada inscrição para os quatro dias é de 45 euros.

Obras na EN 125

Já as obras de requalificação da EN 125, que se arrastam há meses, constituem um dos aspetos que mais preocupam aquele dirigente. "É um problema não só para este evento, como grande impacto na região, como se trata de um prejuízo a vários níveis para o Algarve inteiro. Já parecem as obras de Santa Engrácia... Vamos alertar os participantes para a questão da segurança, para cumprirem as regras de trânsito e terem o máximo cuidado, neste caso com as obras nos vários locais por onde transitarem na 125, de forma a evitar acidentes", sublinha.

Quanto à presença de agentes da PSP e de militares da

GNR, que tanta polémica provocaram noutros anos, devido ao forte controlo exercido sobre os motociclistas, espera que "seja pelo menos como em 2015, em que não houve aparato policial, e que tudo corra bem em termos de segurança".

Fado, rock, cinema,...

Em termos de animação, e pela primeira vez, haverá fado, na noite de 15 de julho, com Carminho. "Há que divulgar a cultura portuguesa, o que é nosso e sem vergonha, e espero que seja bem aceite pelos 'motards' que nos visitarem", destaca José Amaro. O cartaz incluirá, ao longo dos quatro dias do evento, a participação da banda de rock portuguesa Xutos e Pontapés, dos norte-americanos Jake & Elwood, dos grupos espanhóis de folk rock Fun Lovin Criminals e Ars Armandi, do português Frankie Chavez, da banda portuense The Dixie

Boys e de The Legendary Tiger-man, nome artístico do vocalista luso Paulo Furtado. Além do habitual concurso 'Miss T-shirt Molhada', terá lugar animação de rua, com homens-estátuas e uma 'tenda cultural', no interior da qual serão exibidos filmes relacionados com motos. Uma banda musical fará as honras da casa.

Já na cidade de Faro, estão programados nas noites de 15 e 16 de julho uma exposição de motos antigas e espetáculos musicais. Refira-se que no dia 15, pelas 11h00, haverá na Igreja de São Pedro uma missa de homenagem aos motociclistas falecidos.

Estarão envolvidos mil voluntários, desde a segurança no recinto, limpeza e serviço de refeições, até à saúde, com médicos e enfermeiros no hospital de campanha instalado em Vale das Almas, entre outros.

Inter**marchê**



A MELHOR QUALIDADE
OS MELHORES PREÇOS

TEMOS OS MELHORES
FRESCOS!



Lagoa (Carvoeiro) - Estrada de Carvoeiro
Alporchinhos - Estrada de Armação de Pêra
Lagoa - Junto aos Bombeiros
Monchique · Messines





Lagoa

DO
ALGARVE

**Mergulhe
à sua descoberta.**

**Hold your breath
and dive in.**

www.cm-lagoa.pt